

Dom Sebastião na poesia portuguesa do século XX

Bubnjar, Sandra

Master's thesis / Diplomski rad

2021

Degree Grantor / Ustanova koja je dodijelila akademski / stručni stupanj: **University of Zagreb, Faculty of Humanities and Social Sciences / Sveučilište u Zagrebu, Filozofski fakultet**

Permanent link / Trajna poveznica: <https://um.nsk.hr/um:nbn:hr:131:321180>

Rights / Prava: [In copyright](#)/[Zaštićeno autorskim pravom.](#)

Download date / Datum preuzimanja: **2025-02-11**



Sveučilište u Zagrebu
Filozofski fakultet
University of Zagreb
Faculty of Humanities
and Social Sciences

Repository / Repozitorij:

[ODRAZ - open repository of the University of Zagreb
Faculty of Humanities and Social Sciences](#)



Universidade de Zagreb

Faculdade de Letras

Departamento de Estudos Românicos

Mestrado em Língua e Literatura Portuguesa

Dom Sebastião na poesia portuguesa do século XX

Estudante: Sandra Bubnjar

Orientadora: dr. sc. Majda Bojić

Zagreb, março de 2021.

Filozofski fakultet Sveučilišta u Zagrebu

Odsjek za romanistiku

Katedra za portugalski jezik i književnost

Figura kralja Sebastiana u portugalskom pjesništvu XX. stoljeća

Studentica:

Sandra Bubnjar

Mentorica:

dr. sc. Majda Bojić

Zagreb, ožujak 2021.

Sažetak:

Središnja tema ovog rada je kralj Sebastijan u portugalskoj poeziji XX. stoljeća. Stoga je prvi dio rada posvećen kratkom pregledu glavnih tendencija u portugalskoj poeziji tog stoljeća, ali i analizi lika kralja Sebastijana kako u kontekstu povijesti Portugala tako i u književnosti. Izložit ćemo neke od važnijih povijesnih činjenica, kao i niz autora iz portugalske književnosti čija se djela mogu dovesti u vezu s tematizacijom kralja Sebastijana ili sebastijanizma. Spomenut ćemo tako autore poput Fernanda Pessoe, Manuela Alegrea, kao i mnoge druge. U središnjem dijelu rada, stavit će se naglasak na zbirku pjesama Fernanda Pessoe pod naslovom *Mensagem* (Poruka), s kratkim osvrtom na njezin sadržaj. Predstaviti ćemo i analizirati prvenstveno one pjesme koje sadrže reference na kralja Sebastijana. U nastavku rada, spomenut ćemo pojavu svojevrsne „detronezacije“ herojskih figura u portugalskoj književnosti nakon Revolucije te ćemo, za kraj, analizirati pjesmu Manuela Alegrea pod naslovom *Abaixo El-rei Dom Sebastião* koju uzimamo kao primjer takvih promjena koje podrazumijevaju i važan pomak u načinu prikazivanja kralja Sebastijana.

Ključne riječi: portugalska poezija, kralj Sebastijan, Fernando Pessoa, Manuel Alegre, *Abaixo El-rei Dom Sebastião*, *Mensagem*

Resumo:

O tema central deste trabalho é a figura de Dom Sebastião na poesia portuguesa do século XX. Assim na primeira parte apresentaremos um resumo das principais tendências na poesia portuguesa desse século. Trataremos da figura de Dom Sebastião na história de Portugal como também na literatura. Exporemos alguns fatos históricos relacionados com Dom Sebastião. Mencionaremos autores como Fernando Pessoa, Manuel Alegre e outros que têm o motivo sebastianista nas suas obras. Na parte central do nosso trabalho, pôr-se-á ênfase na coletânea dos poemas de Fernando Pessoa intitulada *Mensagem* analisando brevemente cada uma das partes desta obra. Apresentaremos ainda os poemas que contêm referências a Dom Sebastião fazendo ao mesmo tempo a análise de cada um. Na parte final mencionaremos o tratamento específico das figuras heroicas na literatura após a Revolução e analisaremos o poema intitulado *Abaixo El-rei Dom Sebastião*, de Manuel Alegre, que representa um marco importante na mudança da representação da figura do rei D. Sebastião.

Palavras-chave: poesia portuguesa, Dom Sebastião, Fernando Pessoa, Manuel Alegre, *Abaixo El-rei Dom Sebastião*, *Mensagem*

Índice

1. Introdução.....	1
2. A poesia portuguesa do século XX	2
2.1. O Modernismo.....	4
2.2. O Neorrealismo	4
2.3. O grupo de “Cadernos de Poesia”	6
2.4. O surrealismo	8
2.5. A poesia dos anos 50 e 60	9
2.6. A poesia experimental	10
2.7. “Poesia 1961” e “Poemas Livres”	11
2.8. A poesia dos anos 70, 80 e 90	12
3. Dom Sebastião na história portuguesa	12
4. Dom Sebastião na literatura portuguesa	13
5. Fernando Pessoa	16
5.1. A biografia.....	16
5.2. A obra.....	16
5.2.1. A obra dramática	18
5.2.2. A obra poética	18
5.2.3. A obra prosaica.....	18
5.2.4. A obra inglesa.....	19
5.3. O estilo literário.....	19
5.4. <i>Mensagem</i>	20
6. Os poemas com o motivo sebastianista e a sua análise	23
6.1. <i>D. Sebastião, Rei de Portugal</i>	23
6.2. <i>D. Sebastião</i>	25
6.3. <i>O Desejado</i>	25
6.4. <i>O Encoberto</i>	26

6.5. <i>A última nau</i>	27
7. O destronamento das figuras heroicas na literatura após a Revolução.....	29
8. Manuel Alegre: A biografia.....	32
8.1. Obra.....	33
8.2. Estilo literário	34
8.3. Manuel Alegre: <i>Abaixo El-rei Dom Sebastião</i>	35
9. Conclusão	38
10. Bibliografia.....	39

1. Introdução

Na parte inicial deste trabalho, o objetivo é entender a importância de figura de Dom Sebastião para o Portugal expondo alguns fatos sobre ele dentro da história portuguesa. Aqui devemos mencionar a narrativa mítica complexa e remota da cultura portuguesa e a personagem de Dom Sebastião que desaparece misteriosamente na Batalha de Alcácer-Quibir em Marrocos, no ano de 1578 tornando-se assim uma figura mítica e motivo dos numerosos poemas (Quadros *apud* Urbán, 2019: p. 255). Sobre o mito sebástico, que é um autêntico mito nacional, fala António Quadros na sua monografia e diz: “Pilar enigmático da estrutura cultural portuguesa (...). O sebastianismo é um dado profundo, é um arquétipo, é uma realidade psíquica e mítica do nosso povo e da nossa cultura” (Urbán, 2019: p. 255-256). Nesse período do desaparecimento de Dom Sebastião também surgiram falsos Sebastões, o que foi provocado pela crença de que o rei não morreu em Marrocos e que ainda está vivo. O mito do regresso do verdadeiro D. Sebastião de África ainda hoje persiste; no imaginário português ele sobrevive até os nossos dias. O mito ganha grandes proporções, especialmente nos momentos de crise da história de Portugal (Gebra, 2006: p. 130). A origem do mito está relacionada com um forte sentimento messiânico do povo português que se tinha desenvolvido com o nascimento da nação (Urbán, 2019: p. 256). Esse fenómeno social e cultural chama-se sebastianismo e, segundo Francisco Iglesias, trata-se de uma “expressão do malogro nacional, após uma fase de grandeza, a alimentar a esperança de possível recuperação, com apelos irracionais a uma fantasia” ou de uma “esperança de futuro melhor pelo surgimento de algum salvador, que pode ser D. Sebastião ou outro, em encarnações diferentes” (Iglesias *apud* Gebra, 2006: p. 130). Como afirma Bálint Urbán (2019: p. 255), o mito sebástico, com o mito de D. Pedro e Inês de Castro e o mito imperial, são as três maiores narrativas míticas do imaginário português. O sebastianismo proveio duma situação crítica no fim do século XVI quando o país perdeu grande parte da nobreza (elite militar), o rei, assim como a integridade e a independência nacionais. Essa crença no regresso de D. Sebastião continuou a nutrir tanto o imaginário português como a literatura portuguesa, assim ele tornou-se um motivo comum na literatura.

Dom Sebastião era a figura central no teatro, na poesia, no romance, nas velhas crónicas, portuguesas e estrangeiras, e em modernos estudos de historiógrafos. Também existia uma forte tradição oral, com canções, poemas e contos populares em torno da figura do rei mítico, mas neste trabalho focar-nos-emos na poesia. Além disso, é necessário destacar que sobre ele escreveram vários escritores célebres como Fernando Pessoa, que é um dos mais importantes

para a literatura portuguesa, e que, entre os inúmeros textos sebásticos produzidos ao longo do século XX, sobressai o seu conjunto de poemas intitulado *Mensagem*, constituído por 44 poemas que são divididos em três partes e que contêm figurações de Dom Sebastião. Por isso, neste trabalho também nos centramos nessa obra analisando os poemas com o seu motivo. Além disso, dedicaremos precisamente algumas páginas à biografia, às obras e ao estilo literário de Pessoa. Descobriremos um pouco mais da Revolução dos Cravos, que transformou a vida e estabeleceu a democracia, estudando as suas repercussões na cultura. É importante destacar que a Revolução de 25 de abril, além de ser um evento marcante da história de Portugal, é muito importante “do ponto de vista da história europeia e universal” (Urbán, 2019: p. 122).

Na literatura portuguesa, a presença do motivo de Dom Sebastião é visível nas obras de autores como José Régio, Luís Vaz de Camões, Agustina Bessa-Luís e nas obras de outros autores que enumeraremos mais adiante.

E seguidamente, vamos expor as tendências principais e gerais na poesia portuguesa do século XX.

2. A poesia portuguesa do século XX

No fim do século XIX e no primeiro quarto do século XX na literatura portuguesa destaca-se uma corrente historicista apoiada na poética do romantismo. Nesse período da transição do século XIX ao XX também havia duas correntes literárias muito influentes: o Simbolismo (representantes: Eugénio de Castro e Camilo Pessanha) e o Saudosismo ou Renascimento Nacionalista, cujo fundador é António Nobre e no qual se destaca o poeta Teixeira de Pascoais. O princípio do simbolismo é marcado pela coletânea *Oaristos* (1890) do autor Eugénio de Castro. Da perspetiva de hoje, o representante maior do Simbolismo é Camilo Pessanha (1867-1926) (Talan, 2004: p. 174). Quase simultaneamente com o Saudosismo surgiu o Movimento Modernista.

É necessário ressaltar que se trata de um período muito rico na história portuguesa (Saraiva, 1994: p. 139), pois desde 1930 na literatura portuguesa manifestaram-se os grandes escritores, em prosa e em verso, e assim introduziram as novas qualidades, sabores e recortes que até então a literatura portuguesa desconhecia. Nesse período, um dos maiores poetas era Fernando Pessoa.

No início do século XX aparece um grupo de jovens poetas portugueses que se reunia à roda da revista *Orpheu* e cuja personalidade central era Fernando Pessoa. No ano 1927, em Coimbra, um grupo de jovens intelectuais, fundou a revista *Presença*. A *Presença* reatualizou a modernidade e a vanguarda da poesia portuguesa e os seus membros significantes eram António Botto, Vitorino Nemésio, José Régio, Miguel Torga, João Gaspar Simões e Adolfo Casais Monteiro e o escritor mais lido e mais popular Eugénio de Andrade.

Ao falar deste século XX, devemos destacar que, para Portugal, esse século começou com um período turbulento no qual sofreu o assassinato do rei D. Carlos (1908), a derrocada da monarquia e o estabelecimento da República (1910), como também a declaração da ditadura militar (1926).

Um pouco antes destes acontecimentos os neo-românticos dividiram-se em duas correntes: os monarquistas e os republicanos, o que no plano literário resultou na divisão em dois grupos: um orientado ao passado (os passadistas) e o outro relacionado ao grupo literário Renascença Portuguesa e ao poeta Teixeira de Pascoais (o saudosismo). Entre os autores mais destacados do saudosismo que estavam reunidos em redor do mencionado grupo literário sobressai o maior filósofo português desse período - António Sérgio.

2.1. O Modernismo

O Modernismo inicia-se em 1915 e as duas revistas, que se relacionam com este movimento, são a revista *Orpheu* lançada em março de 1915 e a *Presença* fundada em 1927. É “o movimento estético, em que a literatura surge associada às artes plásticas” (Prado Coelho, 1978: p. 654). Os modernistas atingem níveis altíssimos de criação estética e a poesia é caracterizada pela inovação, pois se pretende romper com a tradição. Além disso, é caracterizado pela liberdade de forma, o verso livre e o uso de linguagem coloquial. Na sua primeira fase, o Movimento Modernista estava sob a égide de Fernando Pessoa, Mário de Sá-Carneiro e Almada Negreiros e era sustentado por poetas sensacionistas (Raul Leal, Mário Saa, António Ferro), poetas paúlicos (Luís de Montalvor, Ângelo de Lima, Alfredo Guisado, Armando Cortes-Rodrigues) e poetas tradicionalistas (António Botto, Campos de Figueiredo, Cabral do Nascimento, João de Castro Osório, José Bruges). Há que destacar que a tendência modernista na literatura portuguesa apareceu já na produção de geração 1870, mas também depois dessa geração aparecem as tentativas de recuperação de alguns estilos literários passados. Dos precursores mais significantes, destaquemos os poetas Cesário Verde (1855-1886), António Duarte Gomes Leal (1848-1921) e Eugénio de Castro (1869-1944).

Pelos anos 30, na sua segunda fase, surgiu o movimento *Presença* que expõe novos temas tratados em novo estilo por escritores de grande valor.

No início dos anos 50 apareceram numerosas tendências e novas correntes literárias, como também um grande número das revistas. Surgiram também as tendências metafísicas e neobarrocas. Mas, segundo Fernando J. B. Martinho, destacam-se principalmente duas correntes literárias: o Surrealismo e o Neorrealismo.

2.2. O Neorrealismo

Esta corrente literária inicia a sua trajetória no início da década de 1930 e domina nos anos 40 (Tarbuk, 1999: p. 9). É a corrente mais forte que aparece em Portugal após a geração de *Presença* (Talan, 2004: p. 194) e, sem dúvida, é a mais influente e expandida dentro da literatura portuguesa do século XX, além do movimento presencista (Talan, 2005: p. 32). Como pioneiros do Neorrealismo destacaremos José Gomes Ferreira (1900-1985), em cujos versos estão presentes alusões à Guerra Civil Espanhola e ao Acordo de Munique, Manuel Dias

da Fonseca (1911-1993), cuja obra literária, mas também prosaica, segundo críticos literários, se vê influenciada pela origem provincial e autodidatismo do autor, Mário Dionísio de Assis Monteiro (1916-1993), em cuja obra é visível a influência dos mestres franceses, e Carlos Alberto Serra de Oliveira (1921-1981), o qual nos muitos textos poéticos antecipou o surrealismo português assegurando dessa maneira o seu lugar na poesia do século XX (Talan, 2004: p. 200-201).

Os precursores desta corrente são José Maria Ferreira de Castro (1878-1974) e Irene do Céu Vieira Lisboa (1892-1958).

Diferentemente do “Neo-Realismo” da geração 1870, que situamos no fim do século XIX e que é marcado pelo pessimismo, os neorrealistas do século XX caracterizam-se pela “confiança ingênua no processo socio-histórico inevitável” (Talan, 2004: p. 197). A ideia “arte pela arte”, isto é, que a literatura tem uma finalidade em si mesma, e não uma finalidade que a transcenda, é condenada. Assim, a tarefa principal do artista era tornar-se útil à sociedade que o cria e o mantém (Barreiros, 1997: p. 574).

Nos anos 40 apareceu o movimento editorial *Novo Cancioneiro* (1941-1942) e, precisamente nessa revista, e também no *Galo* (1948) e *Cancioneiro Geral* (1950), os neorrealistas publicavam os seus trabalhos (Talan, 2005: p. 34). O principal teórico do Neorrealismo e um dos primeiros autores a ser editado pelo *Novo Cancioneiro* foi **Mário Dionísio de Assis Monteiro** (1916-1993). Colaborou na *Presença*, *Sol Nascente*, *O Diabo* e noutras publicações periódicas. Foi um dos melhores ensaístas e críticos do Neorrealismo. Alguns dos livros de versos que publicou são: *As Solicitações e Emboscadas* (1945), *O Riso Dissonante* (1950), *Poemas* (1941) e *Poesia Incompleta* (1966). Também foi autor de histórias, romances e contos. **João José Cochofel** (1919-1982) foi um dos organizadores do *Novo Cancioneiro* e publicou os livros *Descoberta* (1945), *Quatro Andamentos* (1966), *Uma Rosa no Tempo* (1970), *Os Dias Íntimos* (1950), *46.º Aniversário* (1966).

Álvaro Feijó (1916-1941) começou por ser um parnasiano, mas cedo aderiu às inquietações de Neorrealismo. Publicou *Corsário* (1940) e compôs as poesias da obra póstuma *Os poemas de Álvaro Feijó* (1941). **Sidónio Muralha** (1920-1982), um dos neorrealistas que abraçou cedo o Neorrealismo poético, publicou muitas obras das quais algumas são *Poemas de Abril* (1974), *Valéria, Valéria* (1976), *Companheira dos Homens* (1950), *26 Sonetos* (1979). Políbio Gomes dos Santos (1911-1939) é um poeta que morreu jovem, por isso deixou só dois

livros de poemas: *As Três Pessoas* (1938) e *Voz que Escuta* (1944). Além disso, colaborou em *Sol Nascente*, *O Diabo* e noutras publicações (Barreiros, 1997: p. 576-577).

Outros poetas neorrealistas são Manuel Dias da Fonseca, José Gomes Ferreira, Carlos Alberto Serra de Oliveira, Natália Correia, António Ramos Rosa, Manuel Alegre, Fernando Assis Pacheco, etc.

Não obstante, no ano de 1950 alguns poetas reuniram-se à roda da revista *Távola Redonda* (1950-1954) que punha certas reservas ao Neorrealismo do *Novo Cancioneiro* e, acima de tudo, pretendia revalorizar o lirismo como primeiro estágio da criação poética (Barreiros, 1997: p. 592-593).

Durante o movimento neorrealista, que efervescia em Coimbra, Porto e Lisboa, em publicações como *Sol Nascente*, *O Diabo*, *Portucale*, *Seara Nova*, outros poetas publicavam poemas nas quais se mostravam comprometidos com o “homem da rua” e cooperavam na transformação da sociedade fazendo eco das injustiças sociais. Chamam-se “poetas militantes” e, entre eles, destacam-se Antunes da Silva, José Fernandes Fafe, José Gomes Ferreira, Papiniano Carlos e Armindo Rodrigues.

Armindo Rodrigues (1904-1993), um neorrealista que se mantinha como o mais fiel de todos os neorrealistas ao lirismo tradicional da poesia portuguesa, publicou várias obras como *Retrato de Mulher* (1950), *Beleza Prometida* (1950), *A Esperança Desesperada* (1948), *A Paz Inteira* (1954), *Cantigas de Circunstância* (1948) e outras. **Papiniano Carlos** (1918-2012), o segundo “poeta militante” que mencionaremos neste trabalho. Colaborava nas revistas como *Seara Nova*, *Bandarra*, *Notícias do Bloqueio*, *Vértice*, etc. Publicava contos e poemas (*As Florestas e os Ventos* (1952)), livros de versos (*A Menina Gotinha de Água* (1962)), romances (*O Rio na Treva* (1978)), contos (*Terra com Sede* (1946)).

2.3. O grupo de “Cadernos de Poesia”

A primeira série vai desde 1940 até 1942. No ano de 1940 publicou-se em Lisboa a coleção de poemas “Cadernos de Poesia” e foi organizada por Tomás Kim, José Blanc de Portugal e Rui Cinatti. Teve 5 fascículos. Os “Cadernos de Poesia” defendiam a autonomia da arte e estavam “contra o exclusivismo temático do *Novo Cancioneiro*” (Barreiros, 1997: p. 580). Eles pretendiam “superar a oposição entre a literatura com finalidade em si mesma e a literatura

empenhada na intervenção social e política” como também a oposição entre presencialistas e neorrealistas (Barreiros, 1997: p. 580).

Enumeraremos aqui alguns autores da primeira série de “Cadernos de Poesia”. João Cabral do Nascimento (1897-1978) pôs-se ao lado dos promotores de “Cadernos de Poesia” em 1940. Entre as obras que publicou destacamos *As Três Princesas Mortas num Palácio em Ruínas* (1916), *Hora de Noa* (1917), *Alguns Sonetos* (1924), *Litoral* (1932), etc. Natércia Freire (1919-2004) tem colaborado em vários jornais e revistas. Renovava os temas tradicionais como o amor e a esperança. Algumas das suas obras são *Liberdade Solar* (1978), *A Segunda Imagem* (1959), *Horizonte Fechado* (1942), *Castelos e Sonho* (1938), etc. Tomás Kim (1915-1967) era o pseudónimo literário de Joaquim Fernandes Tomás Monteiro Grilo. Foi um dos fundadores de “Cadernos de Poesia” e colaborador de *Távola Redonda*. Publicou as obras *Para a Nossa Iniciação* (1940), *Os Quatro Cavaleiros* (1943), *Flora e Fauna* (1958), *Dia da Promissão* (1945), etc. Rui Cinatti (1915-1986) na sua poesia oferece-nos a visão do homem desterrado e solitário. As suas obras são *Sete Septetos* (1967), *56 Poemas* (1981), *Poemas Escolhidos* (1951), etc.

Sophia de Mello Breyner (1919-2004) era a senhora de um dos estros poéticos femininos mais representativos da moderna literatura portuguesa. A sua poesia é concisa, mas ao mesmo tempo eloquente, escultural e fluente, distante e apaixonada (Barreiros, 1997: p. 583). Publicou os livros *O Rapaz de Bronze* (1965), *O Tesouro* (1965), *Noite de Natal* (1960), *A Fada Oriana* (1958) e outros (Barreiros, 1997: p. 579-582).

Em 1951 surgiu a segunda série que consistia em 7 fascículos e foi organizada por Jorge de Sena, Rui Cinatti, José-Augusto França e José Blanc de Portugal.

Dois anos depois surgiu a terceira série que teve só um fascículo. Nessa série o artista defende o que é atacado e ataca o que é defendido. Identifica a expressão poética com “um compromisso formado entre um ser humano e o seu tempo, entre uma personalidade e uma consciência sensível do Mundo, que mutuamente se definem” (Barreiros, 1997: p. 583). O seu objetivo é que o poeta se integre na vida através de criação e age como um homem em que se define a humanidade.

José Blanc de Portugal (1914-2000) era cientista, poeta, geólogo e meteorologista. A sua produção poética é de alta qualidade e consiste nos vários artigos que escreveu para “Cadernos de Poesia”: *Parva Naturalia* (1960), *O Espaço Prometido* (1960), *Odes Pedestres* (1965) e *Descompasso* (1987).

Jorge de Sena (1919-1978) era ensaísta, dramaturgo, poeta, contista, crítico literário, conhecido também pela sua resistência à ditadura de Salazar. A sua poesia assenta nas motivações culturais e sociais. Publicou muitas obras entre as quais destacamos as seguintes: *Perseguição* (1942), *Exorcismos* (1972), *Arte de Música* (1968), *Sobre esta Praia* (1977), etc. Também escreveu livros de contos e obras para o teatro. **Eugénio de Andrade** (1923-2005) era o pseudónimo literário de José Fontinha, o tradutor de Garcia Lorca. Publicou muitas obras e alguns dos seus títulos são: *Narciso* (1940), *Pureza* (1945), *Até Amanhã* (1956), *Branco no Branco* (1984), *Obscuro Domínio* (1971), *Chuva para o Rosto* (1976) e outros.

2.4. O surrealismo

As primeiras discussões sobre o Surrealismo aparecem na segunda metade dos anos 30 do século XX e isso graças a António Pedro (Talan, 2004: p. 201). Na verdade, já em 1924 se publica o *Primeiro Manifesto do Surrealismo*. Trata-se de um movimento artístico definido por André Breton com as seguintes palavras: “um automatismo psíquico com o qual se propõe exprimir, seja oralmente, seja de qualquer outra maneira, o funcionamento real do pensamento livre de todo o controle exercido pela razão e de todas as preocupações estéticas ou morais” (Breton *apud* Barreiros, 1997: p. 586). Esse movimento já teve inícios e antecipações em Fernando Pessoa e sobretudo em Almada Negreiros.

O surrealismo foi a tendência que nos anos 50 introduziu a maior vivacidade na vida cultural portuguesa através dos manifestos, exposições e vários eventos que realizou (Tarbuk, 1999: p. 10).

Como afirma Barreiros (1997: p. 586) o surrealismo “é caracterizado pela escrita automática, a linguagem liberta de peias contextuais, a conciliação dos contrários, a revolução da consciência ética, a associação do oculto e do mágico e o despremeditado azar”. Precisamente a técnica da escrita automática podemos observá-la no livro *Apenas Uma Narrativa* de António Pedro, que, a propósito, é considerado a primeira coletânea dos textos surrealistas em português.

Só no ano 1947 em Portugal se forma um grupo surrealista dos poetas. No mesmo ano aparecem as primeiras experiências linguísticas (Talan, 2005: p. 36). Por isso, precisamente o

ano de 1947 é considerado o começo oficial do movimento surrealista em Portugal, sobretudo porque no fim desse ano os surrealistas lisboetas fundaram o **Grupo Surrealista de Lisboa**, no qual se destacam José Augusto França, Mário Cesariny de Vasconcelos, António Domingues, Fernando Azevedo, João Moniz Pereira, Alexandre O'Neill, Marcelina Macedo Vespeira e António Pedro (Talan, 2005: p. 35-36).

Nas palavras de Nikica Talan (2005: 205), no ano de 1952, o surrealismo, enquanto movimento, começa a desaparecer paulatinamente – ao contrário da produção poética que continua ainda depois. Enumeremos alguns dos poetas mais importantes relacionados com o movimento surrealista. **António Pedro** (1909-1966) era poeta, pintor, encenador, crítico de arte e pertencia ao Movimento Surrealista de Londres, que ajudou a criar o “Grupo Surrealista Português”. As suas obras são *Máquina de Vidro* (1931), *A Cidade* (1932), *Devagar* (1929), *Diário* (1929) e outras. **Mário Cesariny de Vasconcelos** (1923-2006) era estudante da escola António Arroio e estudou piano. É autor das obras *Pena Capital* (1957), *Burlescas, Teóricas e Sentimentais* (1972), *Planisfério e Outros Poemas* (1961), *Corpo Visível* (1950), etc. **Natália Correia** (1923-1993) dedicou-se ao teatro, à Poesia, ao romance, à literatura de viagens e ao ensaio. Algumas das suas obras são *Mátria* (1969), *Rio de Nuvens* (1974), *Poemas a Rebate* (1975), *O Homúnculo* (1965), *Pécora* (1983), *O Encoberto* (1969), etc. **Alexandre O'Neill** (1924-1986) produziu os seus melhores versos à margem do surrealismo. Publicou as obras *Tempo de Fantasmas* (1951), *A Saca de Orelhas* (1979), *No Reino da Dinamarca* (1958), *Poemas com Endereço* (1962), etc. Acrescentemos ainda António Maria Lisboa como mais um representante do surrealismo lusitano. Devemos acrescentar que a 3 de março de 1950, António Maria Lisboa fez uma conferência intitulada *Erro Próprio*, que podemos considerar um dos mais significativos manifestos do surrealismo lusitano (Talan, 2004: p. 202-204).

2.5. A poesia dos anos 50 e 60

Depois do Neorrealismo e do surrealismo, segue-se o período que os historiadores designam de “período de transição” caracterizado pela aparição das pequenas brochuras de periodicidade incerta com poemas e textos crítico-literários de vários autores. As mais conhecidas eram *Távola Redonda*, *Cadernos de Poesia* e, mais tarde, *Poesia 1961*, embora existam muitas mais, por exemplo, *Serpente* (1951), *Árvore* (1951-1953), *Eros* (1951-1958),

Contraponto (1952), *Graal* (1956-1957), *Sísifo* (1952) e outras. Das primeiras três, a maior influência foi da *Távola Redonda* (20 números, 1950-1954), uma revista cujos colaboradores estavam contra o Neorrealismo e o surrealismo. Uma das características é a recuperação do vocabulário antigo como também das formas do passado (Talan, 2005: p. 39). O representante da geração dos 50 e um dos fundadores da revista *Cadernos de Poesia* era Rui Cinatti.

Nas décadas dos anos 50 e 60 os poetas eram tão numerosos que não é possível estudar todos, por isso decidimos dedicar umas linhas ao talvez maior poeta português da segunda metade do século. Trata-se de Herberto Helder (1930-2015), o qual é, segundo Saraiva (1994: p. 166), caracterizado pelas metáforas múltiplas e inesperadas. Na sua obra *Os Passos em Volta* praticou um género que mistura a poesia e a prosa, isto é, um género que conserva as liberdades imaginativas da poesia e ao mesmo tempo se apresenta com o ritmo da prosa, pequenas prosas sobre temas vários. O mesmo ocorre com outros poetas como Alexandre O'Neill, Eugénio de Andrade, etc (Saraiva, 1994: p. 166-167).

Nos anos 60 (1961) publicam-se as três obras que inauguram um novo período na poesia. São as coletâneas do já mencionado Herberto Helder *A Colher na Boca*, de Ruy Belo *Aquele Grande Rio Eufrates* e uma publicação, intitulada *Poesia 61*, feita em comum.

Aparecem as tendências de uma poesia concreta e experimental e um dos autores representativos é Ernesto Manuel de Melo e Castro. Era um grande romancista sem precursor nem continuador. A sua obra *A Noite e o Riso* (1969) é um dos grandes livros da literatura portuguesa. *Amor em Visita* era o poema publicado em 1958 e inserido na coletânea de Helder, representando assim uma revolução na poesia dos anos 60.

2.6. A poesia experimental

A poesia experimental “une o automatismo surrealista com combinações de rimas, ludismo de palavras baseado na homonímia e paronímia, alterações da ordem dos morfemas e lexemas, (...)”. (Barreiros, 1997: p. 602).

Às vezes, os criadores da poesia experimental, “ajustam as palavras na escrita a determinada imagem” (Barreiros, 1997: p. 602). Muitas vezes destroem o discurso institucionalizado, porque, segundo dizem, o destinatário já o conhece. Assim constroem as novas formas de comunicação. Desse modo, “o poema vale por si e em si” (Barreiros, 1997: p. 602). Construída

assim, a poesia experimental é de leitura aleatória. Em 1964 publicou-se o primeiro caderno desta poesia *Poesia Experimental*, e, dois anos depois, o segundo, *Poesia Experimental II*. Os poetas que relacionamos com este tipo de poesia são Herberto Helder, Ernesto Manuel Galdes de Melo e Castro, Maria Alberta Menéres, Sallete Tavares, Pedro Tamen, Ana Hatherly e António Barahona da Fonseca.

2.7. “Poesia 1961” e “Poemas Livres”

A corrente literária *Poesia 1961* apareceu dez anos depois da *Távola Redonda*, no ano que a deu o nome, assumindo-se como um novo movimento de vanguarda. Os seus membros eram os estudantes lisboetas. Deixou na sombra a poesia do compromisso social e o lirismo tradicionalista. O seu objetivo era reestruturar a própria essência da arte poética. Com esta finalidade, “o movimento foi arredando da criação poética o discursivismo linear, o confessional, o usual, o recheio preponderantemente conceptual e o discurso racional que se torna transparente e quase invisível na medida em que transmite os seus significados” (Barreiros, 1997: p. 605). A sua antologia intitulada *Antologia da Poesia Universitária* publicou-se no ano 1964.

Por fim, os mais destacados representantes da *Poesia 1961* eram Fiama Hasse Pais Brandão, Gastão Cruz, Maria Teresa Horta e Luísa Neto Jorge.

No 1962 e 1963 em Coimbra publicam-se as duas coletâneas *Poemas Livres*, nas quais colaboraram os estudantes universitários da *Poesia 61*. Os mentores de *Poemas Livres* ligaram a poesia a um pensamento de revolta e a um antagonismo à ordem política da época. Depois os temas como a guerra, o exílio, a emigração e similares, misturados com a recusa da sociedade moderna, começaram a surpreender o público. Alguns dos representantes são Casimiro de Brito (1938-), Gastão Cruz (1941-), Fiama Hasse Pais Brandão (1938-2007), Luisa Neto Jorge (1939-1989), Maria Teresa Horta (1937-), José Carlos de Vasconcelos (1940-), Fernando Assis Pacheco (1937-1995) e Manuel Alegre (1936-).

2.8. A poesia dos anos 70, 80 e 90

Ainda é muito cedo para podermos falar sobre este período, mas é claro que nas últimas três décadas do século XX há várias orientações poéticas e em grande parte desta poesia, segundo diz Nikica Talan (2004: p. 227-228), rejeita-se a teoria do signo linguístico de Saussure, isto é, significado e significante. Os poetas estão abertos a todas as novas inovações literárias. Uma das características desta poesia também é o destronamento das figuras heroicas de que falaremos no capítulo 7. Passamos a enumerar alguns dos poetas das últimas três décadas do século XX: Vasco Graça Moura, António Franco Alexandre, Joaquim Pessoa, Nuno Júdice, Miguel Serras Pereira, Hélder Moura Pereira, José Jorge Letria, Gil de Carvalho, Luís Filipe Sarmiento, Jorge de Sousa Braga, José Oliveira, Fernando Luís, Paulo Teixeira, Avelino de Sousa, etc.

3. Dom Sebastião na história portuguesa

A 20 de janeiro do ano 1554 em Lisboa nasce Sebastião, o neto de D. João III. É filho de D. João e de D. Joana de Áustria. Dom Sebastião é o décimo sexto rei de Portugal e o sétimo rei da dinastia de Avis. O seu pai morre ainda antes de ele nascer, assim o pequeno Sebastião fica órfão ao nascer. Herda o trono do avô com apenas três anos de idade e começa a reinar em 1569, aos catorze anos e ali permanece até ao ano 1578 (Urbán, 2019: p. 284-285)
Era o sucessor de D. João III.

A sociedade visionou nele o salvador de nação. Segundo diz Bálint Urbán, “o seu advento foi esperado com uma certa exaltação messiânica”(2019: p.105), e por isso o jovem rei recebeu o apodo de “O Desejado”. A sua “obrigação” teria sido construir o Quinto Império (Talan, 2004: p. 84). Sonhava com novas conquistas e com a expansão do mundo cristão. Em 1572 organizou um ataque contra os hereges, mas fracassou. A sua grande ambição era conquistar Marrocos. Todo o período do seu reinado pode ser concebido como uma preparação material e espiritual para combater os mouros na famosa batalha de Alcácer-Quibir para onde se dirigiu com o seu exército de 18 000 pessoas no verão do ano 1578. A batalha de Alcácer-Quibir podemos considerá-la a mais desastrosa da história portuguesa (Marques, 1998). Ali, a 4 de agosto, o exército sofreu uma derrota terrível. (Tomasović, 1997: p. 287). Depois dessa derrota, Portugal

foi anexado a Espanha e deixou de existir como nação autónoma e independente (Urbán, 2019: p. 293).

Foi na batalha de Alcácer-Quibir que o rei desapareceu e supostamente morreu. O seu corpo nunca foi encontrado, o que instigou o surgimento do sebastianismo¹. Embora durante o seu reinado o império português se tenha tornado mais fraco, o rei Dom Sebastião é, sem dúvida, um dos soberanos mais discutidos da história portuguesa.

4. Dom Sebastião na literatura portuguesa

Na literatura portuguesa, os motivos históricos são muito frequentes, especialmente nas obras do século XX. Podemos encontrá-los, por exemplo, nas obras de José Saramago. No romance *Memorial do Convento* (1982), a figura principal é D. João V do século XVIII e o tema principal a construção do convento de Mafra, e no *Viagem do Elefante* (2008), onde no século XVI o rei D. João III oferece ao seu primo um elefante. Também nas obras de Manuel Alegre; no seu romance *Jornada de África* (1989) com a batalha de Alcácer-Quibir no centro. Mencionemos ainda a Fernando Pessoa com a sua *Mensagem* (1934), que analisaremos no subcapítulo 5.4.

Entre as primeiras manifestações escritas ligadas à figura de D. Sebastião e ao sebastianismo estão as *Trovas*² do poeta Gonçalo Anes Bandarra que mais tarde se tornariam “o evangelho do sebastianismo” (Prado Coelho, 1978: p. 1010). Nas palavras de Bálint Urbán, a morte de D. Sebastião na batalha, a esperança do seu regresso e a quimera do Quinto Império inspiraram muitos poetas e prosadores, assim o mito sebástico esteve presente no discurso da cultura portuguesa durante mais de dois séculos como “uma certa crença popular e uma convicção política, tendo produzido dessa maneira um *corpus* significativo de tratados, ensaios e interpretações, demonstrando muitos deles grandes qualidades literárias” (2019: p. 310-311). Assim já no ano de 1817 Tomás António dos Santos e Silva compôs uma tragédia intitulada *El-Rei Sebastião em África*. A figura de Dom Sebastião, durante a vida e principalmente após a

¹ Um fenómeno nacional “que se repete cada século em momentos da possível perda de identidade popular”; consiste na crença no regresso de D. Sebastião de África (Talan, 2011: p. 206).

² Curtos poemas rimados, com o gosto popular

morte, foi e continua sendo um dos grandes temas na literatura portuguesa (Prado Coelho, 1978: p. 1010).

Sobre Dom Sebastião escreveram numerosos poetas. Luís Vaz de Camões dedicou a sua obra-prima, *Os Lusíadas* (1572), precisamente a Dom Sebastião. Pondo a esperança nele, evocava-o “como o assegurador da segurança e da liberdade da nação, o lutador do mundo cristão, um instrumento autêntico de Deus, que consiga defender a integridade do mundo cristão da ameaça muçulmana” (Urbán, 2019: p. 285-286).

Em 1866 Miguel d’Antas em Paris publicou *Les faux D. Sébastien: Étude sur l’Histoire du Portugal*. Era o relato sobre os quatro homens que se fizeram passar por D. Sebastião nos anos que se seguiram à batalha. A obra teve boa receptividade em Portugal. Acrescentemos ainda António Nobre com um poema incompleto *O Desejado*, onde o autor recomenda paciência aos Portugueses, “Que El-Rei Menino não tarda a surgir” (Prado Coelho, 1978: p. 1011) e Miguel Torga, um dos maiores poetas do século XX com o poema *D. Sebastião*.

O tema sebástico, no romance histórico, começou a ser elaborado em autores como Camilo Castelo Branco, Pereira Lobato e Marcelino Mesquita. No ano de 1894, D. João da Câmara publicou um romance histórico sob o título *El-rei* e, mais tarde, em 1988, aparece o romance *As Naus* de António Lobo Antunes, onde este tema também é visível.

O motivo sebástico também o encontramos em peças de teatro como na tragédia *Frei Luís de Sousa* (1844) e no drama *As Profecias de Bandarra* do autor Almeida Garret e num poema dramático intitulado *D. Sebastião* do autor Tomás Ribeiro Colaço. O tema sebástico também está presente na tragédia *Rei de Sempre* de António Patrício. Acrescentemos ainda José Régio com a sua obra *El-Rei Sebastião* (1949), um poema dramático em três actos, e Natália Correia que no ano de 1969 publicou a comédia *O Encoberto*.

Os ensaístas e os historiógrafos portugueses também tratavam de Dom Sebastião, principalmente Carlos Malheiro Dias, António José Saraiva e Jacinto Prado Coelho.

Entre os escritores do século XX que escreviam sobre Dom Sebastião destacam-se Almeida Faria com uma paródia à vida de Dom Sebastião - o romance *O conquistador* (1990), José Pereira de Sampaio Bruno com a obra *O Encoberto* (1904), António Sérgio com *Interpretação não romântica do sebastianismo* (1920), Manuel Alegre com o romance *Jornada de África*, que reescreve no contexto da guerra colonial a obra de Jerónimo de Mendonça, um cronista seiscentista que testemunhou a batalha de Alcácer-Quibir e escreveu um relato detalhado sobre

a jornada trágica. O motivo de Dom Sebastião também é visível nas obras *O Encoberto* (1905) de Afonso Lopes Vieira, “*As violas de Alcácer Kibir*”(1913) de Júlio Dantas, no romance *Aventura maravilhosa de D. Sebastião, rei de Portugal, depois da batalha com o Miramolim*, (1937) de Aquilino Gomes Ribeiro (Prado Coelho, 1978: p. 1011-1012).

Vários prosadores tratavam do tema sebástico, por exemplo, no ano 1937 Aquilino Gomes Ribeiro no seu romance *Aventura Maravilhosa de D. Sebastião, Rei de Portugal, depois da batalha com o Miramolim* partia do princípio de que o rei não morrera na batalha (Prado Coelho, 1978: p. 1012). Em 1940 Samuel Maia publicou a *História Maravilhosa de Dom Sebastião*, e em 1943 Antero de Figueiredo publicou *D. Sebastião - Rei de Portugal*, etc.

No âmbito da ficção devemos mencionar também António Cândido Franco assim como a obra de Camilo Castelo Branco *As Virtudes Antigas...*, e a obra *A Volta de El-Rei* de Henrique Lopes de Mendonça.

Não devemos esquecer o romance intitulado *O Mosteiro* que tem como tema central a vida de D. Sebastião e cuja autora é Agustina Bessa-Luís, uma das maiores ficcionistas portuguesas da segunda metade do século XX e do início do século XXI. O motivo sebástico encontramos-lo em várias outras obras da escritora, por exemplo, no seu livro *A Sibila* (1954) onde, segundo Álvaro Manuel Machado, o sebastianismo está presente numa forma indireta (Urbán, 2019: p. 444).

Destacamos também o escritor António Lobo Antunes que escreveu *Fado Alexandrino* (1983) e o *Auto dos Danados* (1985), os dois romances anteriores a *As Naus*, e que se centram no momento histórico da Revolução dos Cravos.

Por fim, mencionemos que no período de surgimento e de desenvolvimento da literatura sebástica apareceu o antisebastianismo, a tendência que surgiu no século XIX e cujos maiores representantes são pensadores e ensaístas como António Sérgio, António de Sousa, José Agostinho Macedo, Silva Costa Lobo, Sampaio Bruno e Manuel Bento da Sousa (Urbán, 2019: p. 39).

Também, há que dizer que o tema de D. Sebastião ultrapassou as fronteiras e não está presente somente na literatura portuguesa, mas também na espanhola e percebe-se nas obras de Fernando de Herrera (*Canción por la pérdida del rey D. Sebastián*), Lope de Vega (*La tragedia del rey D. Sebastián*), Manuel Fernández González (*El pastelero de Madrigal*), etc (Prado Coelho, 1978: p. 1012)

5. Fernando Pessoa

5.1. A biografia

Fernando António Nogueira Pessoa nasceu em Lisboa no bairro Chiado, no dia 13 de junho de 1888. Era o dia de Santo António de Lisboa, daí o seu nome de baptismo. Os seus pais eram Joaquim de Seabra Pessoa e Maria Madalena Pinheiro Nogueira. No ano de 1893 ficou órfão de pai e no ano seguinte foi enfrentado com a perda do seu irmão menor. Em 1896 viajou com a mãe para Durban (África do Sul) onde fez os seus estudos matriculando-se no abril de 1899, na Durban High School. Era bilingue e, no ano de 1902, começou a escrever em inglês sob o nome de Alexander Search. Em 1908 começou a escrever poesia em português. Desde esse ano até a sua morte trabalhou como correspondente comercial de várias firmas. Além disso, desde 1911, Pessoa era também o tradutor de inglês e português (Talan, 2013: p. 279). No ano de 1917 colaborou no *Portugal Futurista*, outra revista central do Modernismo português do qual ele foi o pioneiro. Dois anos mais tarde conheceu o amor da sua vida - Ofélia Queiroz (Talan, 2012: p. 119). Pode-se dizer que foi um dos maiores poetas do século XX. No fim da sua vida foi internado no Hospital de S. Luís dos Franceses onde morreu no dia 30 de novembro e onde escreveu o seu último verso em inglês “I know not what tommorow will bring”, no qual se lê, além de inquietação, a terrível e insaciável curiosidade do esotérico. Acrescentemos no fim que Fernando Pessoa foi adepto da seita Rosacruz (Moisés, 1996: p. 82) e é o único poeta português que pode medir-se com Camões.

5.2. A obra

Pessoa foi e é uma das personalidades mais representativas da literatura europeia do século XX. Relaciona-se com a literatura desde muito cedo pois já no ano de 1895, isto é, aos sete anos escreveu o seu primeiro poema intitulado *À minha querida mamã*. No ano de 1912 revelou-se como ensaísta ao publicar uma série de artigos sobre “A Nova Poesia Portuguesa” na revista *A Águia*. Fernando Pessoa também publicava textos de economia e comércio e isso maioritariamente na *Revista de Comércio e Contabilidade* (Talan, 2013: p. 233). Desde o ano

de 1908 até ao ano de 1910 Pessoa escrevia textos sobre a genialidade e a loucura; os três mais conhecidos são *The Mental Disorder of Jesus, Des Cas d'Exhibitionnisme e History of a Dictatorhip* (Talan, 2012: p. 156). Além disso, ao falar da sua obra, que a propósito é vastíssima, devemos mencionar os textos filosóficos, os trabalhos socio-politológicos, os numerosos escritos referentes ao sebastianismo, os tratados sobre astrologia, as reflexões sobre a língua, os horóscopos e as epístolas (Talan, 2013: p. 197-285). Também é notável a influência esotérica. Uma missão de Pessoa era a revelação de um caminho teosófico através da poesia, e a de “erguer alto o nome português” através da arte poética (Gebra, 2006: p. 130). Escrevia as suas obras em inglês e português e às vezes sob heterónimos³, mas isso não é nada novo na literatura portuguesa porque já o vimos em Eça de Queirós, Carlos Mesquita e noutros. Os heterónimos Pessoaos mais conhecidos eram Alberto Caeiro, Ricardo Reis e Álvaro de Campos. Sobre eles, entre outras coisas, escreveu numa carta no ano 1935 ao seu amigo Adolfo Casais Monteiro. Aos heterónimos também pertence um número considerável das obras. Desse modo, o heterónimo Alberto Caeiro é o autor de três ciclos de poemas: *O Guardador de Rebanhos, O Pastor Amoroso e Poemas Inconjuntos*. Destacam-se os poemas escritos por Álvaro de Campos; *Ode Marítima, Ode Triunfal e Saudação a Walt Whitman* (Talan, 2013: p. 105) e os epigramas, as odes e as elegias escritas por Ricardo Reis (Talan, 2013: p. 95).

Às vezes Pessoa também assinava as obras com o seu ortónimo. Além disso, os autores de algumas obras eram os semi-heterónimos como Bernardo Soares (o mais parecido no estilo com ortónimo Pessoa e o autor do *Livro do Desassossego*) e Alexander Search, o autor duma grande parte da poesia inglesa. Ao falar do *Livro do Desassossego* devemos mencionar que existe um fragmento escrito em francês. No ano de 1936 saíram os dois números da revista *Orpheu* na qual Pessoa apresentou a peça *O Marinheiro* e os poemas de *Chuva Oblíqua* assinados com o seu nome, e principalmente, *Opiário, Ode Triunfal e Ode Marítima* de Álvaro de Campos. Depois da sua morte, Fernando Pessoa deixou grandes obras prosaicas, mas para o público é mais conhecido como Poeta⁴.

³ No contexto literário, refere-se à “personalidade criada por um autor, com qualidades e tendências próprias, claramente distintas das desse autor”. Caracteriza-se por “ser dotado da autonomia que inclui uma identidade, um percurso biográfico, relações interpessoais, um estilo próprio”. *heterónimo* no Dicionário Infopédia da Língua Portuguesa [em linha]. Porto: Porto Editora. [consult. 2021-08-25 08:10]. Disponível em <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/heteronimo>

⁴ Esse honor, de escrever poeta com a maiúscula, também desfrutava Camões

5.2.1. A obra dramática

Desde o ano de 1914 Pessoa se considerava a si mesmo como um poeta dramático e desde então apareceram as *dramatis personae*. Segundo a investigadora de Pessoa mais conhecida, Maria Teresa Rita Lopes, as *dramatis personae* de Pessoa abrangem os seus três heterónimos, o semi-heterónimo Bernardo Soares e os 69 pseudónimos (!) (Talan, 2013: p. 17-18). O único drama que Pessoa publicou durante a vida é *O Marinheiro*, de um acto, e que é o melhor exemplo de teatro simbolista estático à maneira de Maeterlinck. Mencionemos também as peças de teatro *Mereia*, *Sakyamuni*, *Salomé*, *A Morte do Príncipe* e *Diálogo no Jardim do Palácio*. Destacaremos o drama intitulado *Encoberto*, no qual Pessoa trata do sebastianismo.

5.2.2. A obra poética

Na sua vasta obra poética destacam-se os poemas com o motivo dos templários e da Ordem Rosacruz como *O Último Sortilégio*, *No Túmulol de Christian Rosencreutz*, *Além-Deus* e *Eros e Psique* (Talan, 2013: p. 35). Já na juventude de Pessoa podemos notar os seus versos (no português e no inglês) que falam de amor e nos anos trinta do século passado regressou a essa temática. Durante 1912 publicou em *A Águia* uma série de três artigos sobre “A Nova Poesia Portuguesa” e no ano de 1926 publicou *O Menino da sua Mãe* na revista modernista *Contemporânea*. Dois anos antes de falecer, Pessoa escreveu centenas de quadras. Também escreveu canções de beber, embora não são tão numerosas. Os mais frequentes são os temas dos templários e da Ordem Rosacruz como nos poemas *O Último Sortilégio*, *No Túmulol de Christian Rosencreutz*, *Além-Deus* e *Eros e Psique*.

5.2.3. A obra prosaica

Embora Pessoa seja muito mais conhecido como Poeta, não podemos esquecer a sua vasta obra prosaica. Durante a sua vida publicaram-se só três textos prosaicos e são eles: *Crónica Decorativa*, *A Rosa de Seda* e *O Banqueiro Anarquista*. No ano de 1902 apareceu o primeiro conto breve de Pessoa intitulado *Desapontamento*. Destaca-se a sua coletânea de contos *Fábulas para Nações Jovens* assinada com o ortónimo. Acrescentemos também contos como *O Segredo de Roma*, *Si Vis Bellum, Para Pacem*, *O Saraiva*, *O Doutor*, *O Noronha*, *História Cómica* e *A Pintura do Automóvel*.

5.2.4. A obra inglesa

A obra Pessoaana escrita em inglês é muito extensa e os seus primeiros versos são precisamente em inglês. A sua poesia em inglês é interessante pela linguagem e o sentimentalismo. Divide-se em dois períodos: o primeiro desde 1903 até 1910, em que Pessoa assinava os poemas sob o nome de Alexander Search, e o segundo desde 1911 até 1935, no qual usava o ortónimo Pessoa para assinar os poemas. Aqui enumeramos os poemas ingleses mais conhecidos: *Antinous*, *Inscriptions*, *Epithalamium*, *35 Sonnets* e *The Mad Fiddler*.

5.3. O estilo literário

Os versos em português de Fernando Pessoa caracterizam-se por ser tradicionais, rimados e pela musicalidade e religiosidade, igual aos seus versos em inglês (Talan, 2013: p.79). É importante mencionar que cada um dos seus heterónimos tinha o seu próprio estilo de escrita.

Os poemas assinados com o ortónimo Pessoa revelam uma lírica subtil, musicalidade e sentimentalismo (Talan, 2013: p. 26). O heterónimo Alberto Caeiro “escrevia mal” o português e o seu vocabulário era simples. A característica do seu estilo é o verso livre, que lembra o poeta americano Walt Whitman, os numerosos pleonasmos, os truísmos e as repetições. Ricardo Reis, pelo contrário, com a forma e o conteúdo representa a personificação da poesia clássica e caracteriza-se pelo cuidado da forma (Tomasović, 1997: p. 17, 19) e purismo que Pessoa lhe atribuiu (Casa Fernando Pessoa, 2021). Os seus epigramas, as elegias e as odes destacam-se por ter nos seus versos o motivo epicurista *carpe diem* (Talan, 2004: p.187). Outra característica da sua poesia é a tranquilidade horaciana na forma. A poesia de Álvaro de Campos caracteriza-se pela inesperada pontuação nas frases e o seu estilo na maioria das vezes é cínico.

5.4. *Mensagem*

Antes de mais, consideramos importante mencionar que alguns poemas da *Mensagem* foram traduzidos para o croata e isso graças ao professor e o tradutor croata de Pessoa mais conhecido Mirko Tomasović.

A ideia duma epopeia lírica intitulada *Portugal* (mais tarde mudaria o nome para *Mensagem*) que teria 6 cantos assediava a Pessoa já na primeira década do século passado (Talan, 2013: p. 46). Segundo Saraiva (1994: p. 142), trata-se de uma coletânea de poemas “de inspiração ocultista e épico-messiânica”, compostos em épocas diferentes, entre os quais a composição mais antiga seria *D. Fernando, Infante de Portugal* que se remonta ao ano 1913 (Prado Coelho, 1978: p. 635).

Uma das características da obra é a utilização das figuras de reis portugueses, entre eles D. Sebastião, o “Desejado”, graças ao qual esta obra tornou-se tão popular em Portugal (Fernandes, 2011: p. 9). Esta coletânea destaca-se de entre o sem-fim de textos sebásticos produzidos ao longo do século XX e por isso ocupa um lugar importante no nosso trabalho.

Muitos poemas pertencem às décadas de vinte e trinta e apenas três pertencem à segunda metade do século XX (Soares, 2000: p. 19). É o único livro de poemas em português escrito por Fernando Pessoa, mas numa nota manuscrita datada de 1935, ele falou acerca da *Mensagem* e disse: “um livro de poemas formando realmente um só poema” (Arquivo Pessoa).

Ao falar do seu género literário, as opiniões variam muito. Não obstante, numa coisa concordam todos; que a obra *Mensagem* é muito diversa no sentido de género literário, quer dizer, que possui as características da lírica, da épica e da elegia (Talan, 2013: p. 48).

A *Mensagem* publicou-se a 1 de dezembro de 1934 e ao longo das suas páginas deparamo-nos com referências a reis e às rainhas, às batalhas, aos infantes e navegadores, às revoluções e vários acontecimentos (Moisés, 1996: p. 46). A obra inteira é atravessada pela crença messiânica e está constituída por 44 poemas que se faziam durante 21 anos dividindo-se em três partes das quais a primeira tem 19 poemas, a segunda 12 e a terceira 13.

Precisamente nesta divisão em três partes é visível o seu simbolismo, porque como bem sabemos, o número três em muitas religiões tem uma reflexão de ordem espiritual, do divino. Cada uma dessas partes tem um título simbólico.

Desse modo, a primeira parte intitula-se *Brasão* abrangendo assim os poemas marcados pela referência a reis e príncipes tidos como fundadores de Portugal, a segunda, *Mar Português*, trata dos heróis portugueses da expansão ultramarina, e a terceira *O Encoberto* - “remete ao desejo de retomada da proeminência de Portugal no cenário mundial” (Ferraz *apud* Brito; Proença Lara, 2019: p. 181).

Mar Português publicou-se pela primeira vez em 1922 no quarto número da revista *Contemporânea*, quer dizer, antes da *Mensagem*. A terceira parte *O Encoberto* abrange os poemas das vozes messiânicas, da ânsia, da interrogação, a incerteza do nevoeiro, da utopia e da dormência (Soares, 2000: p. 21). A primeira parte dedica-se ao Portugal “europeu”, a segunda ao Portugal “ultramarino” e a terceira ao Portugal do futuro, isto é, ao Quinto Império.

Para facilitar a leitura, Pessoa oferece ao leitor as epígrafes, que simbolicamente são em latim. A epígrafe do *Brasão* é “Bellum sine bello⁵”, da segunda parte “Possessio maris⁶” e da terceira “Pax in excelsis⁷” (Talan, 2013: p. 51). Enquanto o significado do moto da segunda e terceira parte da obra é fácil de adivinhar, isso não é o caso da primeira parte. Nela se trata dum oximoro e paradoxo inspirado na Epístola de Paulo aos Efésios, em epílogo era descrita a vida cristã como uma luta espiritual. No contexto da *Mensagem* isso quer dizer que a guerra no futuro Quinto Império não vai ser “física”, mas espiritual. Muitos poemas falam de necessidade de uma luta constante para conseguir “a piedade do Quinto Império” (Talan, 2013: p. 52).

A primeira parte *Brasão* constitui-se das cinco partes pequenas, assim como o brasão de Henrique o Navegador com os seus cinco escudetes azuis. Essas partes são: *Os campos*, *Os castelos*, *As quinas*, *A coroa* e *O grifo*. Cada uma destas partes divide-se ainda mais e o número dos poemas que contém corresponde ao número dos elementos que constituem o componente individual do brasão que mencionamos. Dessa maneira *Os campos* contém dois poemas (*Os castelos* e *As quinas*), *Os castelos* sete (*Ulisses*, *Viriato*, *O Conde D. Henrique*, *D. Tareja*, *D. Afonso Henriques*, *D. Dinis*, *D. João o Primeiro* e *D. Filipa de Lencastre*). *As quinas* representam as cinco chagas de Cristo (os títulos de poemas são: *D. Duarte*, *Rei de Portugal*, *D. Fernando*, *Infante de Portugal*, *D. Pedro*, *Regente de Portugal*, *D. João*, *Infante de Portugal* e *D. Sebastião*, *Rei de Portugal*), *A coroa* contém um poema intitulado *Nun' Álvares Pereira* e *O Grifo* constituem três poemas: *O Infante D. Henrique*, *D. João*, *o Segundo* e *Afonso de Albuquerque*. Todos os poemas desta parte tratam de personalidades importantes para o reino

⁵ Guerra sem guerra

⁶ A pose do mar

⁷ Paz nas alturas

português, desde os seus princípios até ao último rei português-Sebastião. Pela sua constituição dizemos que é um retrato heráldico do Portugal (Talan, 2013: p. 52-53). A segunda parte, *Mar Português*, abrange os poemas *Padrão*, *A última nau*, *Os Colombos*, *Horizonte*, *Ocidente*, *Prece*, *Mostrengo*, *Mar Português* e quatro poemas com o tema dos heróis (Henrique o Navegador, Vasco da Gama, Bartolomeu Dias e Fernão de Magalhães). Todos esses temas se reúnem num tema único de Descobrimientos (Talan, 2013: p. 53). Na terceira parte da *Mensagem*, a figura central é o rei Dom Sebastião. Os treze poemas desta parte dividem-se em três ciclos: *Os Símbolos*, *Os Avisos* e *Os Tempos*. *Os Símbolos* contém cinco poemas: *D. Sebastião*, *O Quinto Império*, *O Desejado*, *As Ilhas Afortunadas* e *O Encoberto*. O segundo ciclo consiste nos três poemas intitulados *O Bandarra*, *António Vieira* e *Fernando Pessoa*. O ciclo *Os Tempos* contém cinco poemas épico-líricos: *Noite*, *Tormenta*, *Calma*, *Antemanhã* e *Nevoeiro* (Talan, 2013: p. 54).

Muitos dos seus versos possuem rima, mas também encontramos versos livres. As rimas mais frequentes são as rimas intercaladas, as cruzadas, as paralelas e as misturadas. Na obra predominam as quadras e os poemas mais extensos são constituídos por cinco estrofes. Uma característica de *Mensagem* é a regularidade e a simetria (Moisés, 1996: p. 60). Quanto ao tipo de verso, prevalece o decassílabo (Moisés, 1996: p. 61).

A linguagem poética da *Mensagem* contém os símbolos esotéricos, templários e rosacrucianos (Soares, 2000: p. 22). Deve-se destacar que, por um lado, entre *Os Luisíadas* de Camões e esta obra de Pessoa há muitas similitudes entre as quais ressaltam as aparições do “Gigante Adamastor” em Camões e do “Mostrengo” de Pessoa (Talan, 2013: p. 48). Por outro lado, *Os Luisíadas* de alguma maneira celebram o passado de Portugal, enquanto a *Mensagem* celebra o seu futuro. Também acrescentaremos que a *Mensagem* foi galardoada com Prémio Nacional (Talan, 2013: p. 59).

Há que destacar que, como bem afirma Fernando de Moraes Gebra (2006: p. 9), o poema pode ser dividido em dois percursos figurativos: o histórico, que se refere à derrota sofrida por D. Sebastião na batalha de Alcácer Quibir, e o mitológico, que sugere o regresso do rei. Em fim, devemos ressaltar que nenhuma personalidade da história ou mitologia portuguesa não

aparece na obra tantas vezes como o Dom Sebastião, quem é presente nas todas as três suas partes e ao quem são dedicados os cinco poemas (Talan, 2013: p. 54).⁸

Nesta obra, conforme diz Fernando de Moraes Gebrá (2006: p. 1), “Pessoa não desenvolveu apenas uma visão historicista, relatando fatos históricos da época das cruzadas e das navegações, mas configurou uma formulação simbólica e mitológica que excedeu as coordenadas de tempo e de espaço”.

6. Os poemas com o motivo sebastianista e a sua análise

Nesta segunda parte do trabalho apresentam-se os cinco poemas que se encontram dentro desta coletânea e são dedicados ao D. Sebastião. O primeiro poema com o motivo sebastianista que analisaremos é o poema *D. Sebastião, Rei de Portugal* e está situado na primeira parte da *Mensagem*. É o único poema, dos que analisaremos, que foi traduzido para o croata. Na continuação apresentamos o original e a sua tradução feita pelo professor, académico e tradutor Mirko Tomasović.

6.1. D. Sebastião, Rei de Portugal

Louco, sim, louco, porque quis grandeza
Qual a Sorte a não dá.
Não coube em mim minha certeza;
Por isso onde o areal está
Ficou meu ser que houve, não o que há.

Minha loucura, outros que me a tomem
Com o que nela ia.
Sem a loucura que é o homem
Mais que a besta sadia,
Cadáver adiado que procria?

Don Sebastijan, kralj Portugala

Lud, da, lud što iskah pothvat uzvišeni,
takav kakav Kob ne daje.
Nije se obdržala opstojnost u meni;
al, u pijesku ostala je
osobnost mi bivša, ne ona što traje.

Drugi mi uzimlju ludilo moje
Sa svim što se u njem zbililo.
Bez ludila čovjek, uistinu, što je
neg živinče zdravo, čilo,
odgođeno truplo koje rađa silom?

⁸ Pode-se dizer que os poemas de *Mensagem* representam uma interpretação da história de Portugal em três fases (Moisés, 1996: p. 56)

Trata-se de último poema de *As Quinas*. Ao falar da sua forma, há que dizer que o poema é constituído por duas quintilhas. As rimas são cruzadas e paralelas. Emprega-se um vocabulário erudito.

O tema central deste poema é o sebastianismo e Dom Sebastião aqui é tido como louco só porque está insatisfeito com o que tem e busca a superação de si mesmo. Mas a loucura neste poema tem uma conotação positiva, já que se liga ao desejo de grandeza (Soares, 2000: p. 37). No último verso da primeira estrofe notamos a referência ao ser histórico “ser que houve” que ficou na batalha de Alcácer Quibir e a referência ao ser mítico “não o que há”.

Na segunda estrofe trata-se de alguma espécie de apelo, incita-se as pessoas a continuar com a sua loucura, para que Portugal não continue a ser um país profundamente morto, embora superficialmente sobrevivente (Soares, 2000: p. 38). Sem essa loucura, sem perseguir os seus sonhos o homem não se distingue de um animal sadio.

6.2.

D. Sebastião

Sperae! Cahi no areal e na hora adversa
Que Deus concede aos seus
Para o intervallo em que esteja a alma immersa
Em sonhos que são Deus.

Que importa o areal e a morte e a desventura
Se com Deus me guardei?
É O que eu me sonhei que eterno dura,
É Esse que regressarei.

Este poema situa-se na terceira parte da *Mensagem*, para ser mais exatos, no ciclo *Os Símbolos*. Podemos dividi-lo em dois percursos figurativos: o histórico, que se refere à derrota sofrida por

D. Sebastião na batalha de Alcácer Quibir – o que vemos no verso “Cahi no areal e na hora adversa”, e o mitológico, que sugere o regresso do rei: “É O que eu me sonhei que eterno dura,/ É Esse que regressarei.” (Gebra, 2006: p. 137).

Na interpretação de Gebra (2006: p. 137), nos últimos versos do poema: “É o que eu me sonhei que eterno dura, / É esse que regressarei.” pode-se notar o motivo do regresso da potencialidade da raça portuguesa, quer dizer, o estágio de ressurreição.

6.3.

O Desejado

Onde quer que, entre sombras e dizeres,
Jazas, remoto, sente-te sonhado,
E ergue-te do fundo de não-seres
Para teu novo fado!

Vem, Galaaz com pátria, erguer de novo,
Mas já no auge da suprema prova,
A alma penitente do teu povo
À Eucaristia Nova.

Mestre da Paz, ergue teu gládio unguido,
Excalibur do Fim, em jeito tal
Que sua Luz ao mundo dividido
Revele o Santo Gral!

O poema *O Desejado*, igual ao anterior, situa-se no ciclo *Os Símbolos*, na terceira parte desta coletânea de poemas. Consiste em três quadras, nas quais, como bem afirma Gebra (2006: p. 138), o eu-lírico implora o retorno de D. Sebastião como Messias e redentor da pátria quem tem três missões, a de erguer-se a si mesmo para o cumprimento da nova missão (“E ergue-te do fundo de não-seres/ Para teu novo fado!”), a de erguer o seu povo do pecado e a de conduzi-lo a Deus (“Vem, Galaaz com pátria, erguer de novo,”) e a de conduzir o povo à fonte da graça de

Deus (“Mestre da Paz, ergue teu gladio ungido, /.../ Que sua Luz ao mundo dividido /Revele o Santo Gral”).

No poema aparece a ideia do Quinto Império e isso sabemos porque menciona-se o “novo fado” de D. Sebastião. Chamando-lhe “Galaaz”⁹ ao rei, enfatizam-se alguns dos seus elementos históricos (Gebra, 2006: p. 138).

No último verso da última estrofe menciona-se o Santo Graal, o qual pode ser encontrado somente pelo cavaleiro que tivesse o grau máximo de pureza e isso seria Galaaz, filho de Lancelot com a rainha Ginevra (Gebra, 2006: p. 138).

6.4.

O Encoberto

Que símbolo fecundo
Vem na aurora ansiosa?
Na Cruz morta do Mundo
A Vida, que é a Rosa.

Que símbolo divino
Traz o dia já visto?
Na Cruz, que é o Destino,
A Rosa, que é o Cristo.

Que símbolo final
Mostra o sol já desperto?
Na Cruz morta e fatal
A Rosa do Encoberto.

⁹ personagem da *Demanda do Santo Graal*, alheia à sociedade organizada (Backes)

O poema *O Encoberto* também se encontra no ciclo *Os Símbolos* e é estruturado em três quadras. Ao contrário dos primeiros dois poemas do ciclo *Os Símbolos*, que citamos neste trabalho, o Dom Sebastião neste poema é comparado ao Cristo. Segundo Gebra (2006: p. 139), essa comparação se dá por meio de um raciocínio silogístico, no qual a vida é comparada à rosa na primeira estrofe, a rosa é comparada a Cristo na segunda, e na terceira, a rosa é comparada ao Encoberto. Se a rosa simboliza, ao mesmo tempo, Cristo e D. Sebastião, ambas as personagens podem ser comparadas porque D. Sebastião, igual que o Cristo, há-de ressuscitar e atingir o estágio de revelação, presente no poema anterior: “Que sua Luz ao mundo dividido /Revele o Santo Gral”.

No poema, parece que a cruz é utilizada como o símbolo ambíguo que na simbologia cristã indica a morte salvadora de Cristo e, ao mesmo tempo, o seu martírio necessário (“Na Cruz, que é o Destino/ A Rosa, que é o Cristo”) (Brito; Proença Lara, 2019: p.194)

Não é estranho que Fernando Pessoa tenha usado a simbologia da rosa e da cruz neste poema devido ao facto de conhecer muitos dos Mistérios da Ordem Rosacruz (Gebra, 2006: p. 139).

6.5.

A última nau

Levando a bordo El-Rei D. Sebastião,
E erguendo, como um nome, alto o pendão
Do Império,
Foi-se a última nau, ao sol aziago
Erma, e entre choros de ânsia e de pressago
Mistério.

Não voltou mais. A que ilha indescoberta
Aportou? Voltará da sorte incerta
Que teve?
Deus guarda o corpo e a forma do futuro,
Mas Sua luz projecta-o, sonho escuro
E breve.

Ah, quanto mais ao povo a alma falta,
Mais a minha alma atlântica se exalta
E entorna,
E em mim, num mar que não tem tempo ou espaço.
Vejo entre a cerração teu vulto baço
Que torna.

Não sei a hora, mas sei que há a hora,
Demore-a Deus, chame-lhe a alma embora
Mistério.
Surges ao sol em mim, e a névoa finda:
A mesma, e trazes o pendão ainda
Do Império.

Falando da forma deste poema há que dizer que é composto pelas cinco estrofes (sextilhas). É descrita a loucura de D. Sebastião como descobridor. A última nau representa a queda do Império Português. O poema divide-se em duas partes das quais a primeira é relacionada com as duas primeiras estrofes referindo-se a Dom Sebastião enquanto ser histórico.

Na segunda parte, quer dizer, nas duas últimas estrofes, propõe-se o universo do mito da volta do Encoberto.

A primeira estrofe do poema apresenta uma oposição entre a certeza do rei e a incerteza do povo. Nela também observamos que o percurso figurativo da incerteza é maior que o da certeza.

Na segunda estrofe, pelo contrário, notamos certa dúvida da volta de D. Sebastião, o que é visível nas perguntas retóricas: “Voltará da sorte incerta / Que teve?” e “A que ilha indescoberta / Aportou?”. No quarto verso podemos ver que D. Sebastião, apesar da morte física, passa pelo estágio da ressurreição, que é representada por “corpo e forma do futuro”(Gebra, 2006: p. 136).

Esse motivo de regresso apresenta-se de novo na terceira estrofe e o mais notável é no verso “minha alma atlântica se exalta / E entorna” e no “Vejo entre a cerração teu vulto baço / Que torna”. O eu-lírico agora aparece de forma explícita, o que é notável pelo pronome “minhas” e pelo verbo ver na primeira pessoa “vejo”.

No princípio da última estrofe, no verso “Não sei a hora, mas sei que há a hora” e “Surges ao sol em mim, e a névoa finda: / A mesma, e trazes o pendão ainda / Do Império” vemos o momento da revelação da volta de D. Sebastião. A repetição da palavra “hora” representa o estágio de revelação, em que a volta do rei possibilitaria o fim do estado de decadência do Império português após a derrota em África (Gebra, 2006: p. 136). No penúltimo e último verso desta estrofe “A mesma, e trazes o pendão ainda/ Do Império.” claramente vemos que o rei traria o pendão do Império e, dessa maneira, restauraria as glórias da Pátria.

7. O destronamento das figuras heroicas na literatura após a Revolução

No fim da Primeira Guerra Mundial presenciou-se à crise financeira e social e à instabilidade política interna como também aos problemas cada vez mais graves no campo social e económico. O Estado Novo, que segue, surgiu no ano 1933 com a chegada ao poder de António Oliveira de Salazar e com a entrada em vigor de uma nova constituição composta por ele. Terminou em 1974, e pode-se dizer que foi o início de uma nova era social, política e governativa. Nasceu depois da Ditadura Nacional (1926-1932) (Urbán, 2019: p. 124-126). Tinha à frente António Oliveira de Salazar e estabeleceu-se com um golpe de estado em maio de 1926, como bem afirma Gebra (2006: p. 126), inaugurando-se assim “como um novo sistema totalitário duma forte ideologia fascista e conservadora da direita”. Quase todos os poderes legislativos e executivos estavam nas mãos do governo e do ditador (Urbán, 2019: p. 126). Modificaram-se as ideias políticas, as relações de classes e as estruturas económicas. O objetivo do Estado Novo era “implementar uma reforma total da vida política e económica” (Urbán, 2019: p. 126).

Sem dúvida, o 25 de abril deixou uma marca indelével na história da cultura portuguesa e abarcou uma complexa mudança histórica, política, social, cultural e económica, reestruturando tanto a ordem e a lógica do discurso como o imaginário nacional (Urbán, 2019: p. 121).

Por um lado, a Revolução do 25 de abril transformou as vidas dos portugueses, alterou instituições e formas de estar no mundo, como diz Bálint Urbán (2019: p. 249), trouxe consigo a libertação e a emancipação da mulher portuguesa possibilitando assim a literatura feminina, mas por outro lado, nas palavras de Urbán (2006: p. 121), paralisou o processo da modernidade e do desenvolvimento da cultura. A Revolução dos Cravos tem aberto uma nova página na

história portuguesa obrigando o país a “redefinir a sua identidade, a sua ideologia, as suas narrativas autolegitimadores e o seu lugar no mundo” (Urbán, 2019: p. 121).

Nas palavras de Bálint Urbán (2019: p. 35), “para legitimar essa ideologia que servia para manter o poder e refletir uma imagem característica para o exterior, o Estado Novo usava as narrativas míticas nacionais, e sobretudo o mito de D. Sebastião” e a sua figura até foi identificada com Salazar, enquanto salvador da pátria. “A ideologia salazarista não poderia deixar de mitificar os valores históricos portugueses”, mas as grandes narrativas ideológicas e históricas da ditadura salazarista começaram a desfazer-se, e o resultado era uma “sensação de perda e de desorientação, um autêntico desaparecimento da integridade da história” (Urbán, 2019: p. 126). Após o colapso do Estado Novo, a cultura pretendia profanizar o mito de D. Sebastião. “Essa revisão, a reinterpretação e a reescrita do mito sebástico inseriu-se numa tendência mitocrítica que surgiu sobretudo das preocupações acerca da identidade no período pós-revolucionário” (Urbán, 2019: p. 358). Depois da Revolução de 25 de abril, na literatura portuguesa percebe-se uma forte tendência temática cujo objetivo era a reescrita da história e dos grandes mitos nacionais como também a sua revisão (Urbán, 2019: p. 80).

Não obstante, não se trata só de um evento importante na história do Portugal, mas também na história europeia e universal. “A Revolução constitui o fim da narrativa gloriosa e messiânica de Portugal enquanto Quinto Império, e em consequência disso tem que aparecer nas obras que tematizam o fim da história sebástica” (Urbán, 2019: p. 370).

“A mitologia nacional desempenhava um papel fundamental no imaginário da cultura portuguesa porque foi através dessas narrativas que o país conseguia viver e reviver a fantasia dum passado glorioso no presente insatisfatório e indigno” (Levécot *apud* Urbán, 2019: p. 360). Para os escritores pós-modernos, essa imagem da grandeza nacional, reduz-se à banalidade, à normalidade e à trivialidade. As figuras heroicas agora estão reinterpretadas e inseridas no novo contexto irónico e degradante (Ørom, 2016: p. 83). O D. Sebastião é só uma dessas figuras míticas e heroicas que acabam por ser destronadas.

O autor que deu o primeiro passo no processo de destronamento das figuras heroicas foi Manuel Alegre. Depois, nos anos 80, seguem José Saramago e Augustina Bessa-Luís, e nos anos 90 Almeida Faria (Ørom, 2016: p. 83-85).

Neste período, outros “mitos nacionais de importância fundamental para a identidade nacional passaram a ser alvo de uma complexa mitocrítica da ficção pós-25 de abril” (Urbán, 2019: p. 361). Por exemplo, o mito de D. Dinis e Isabel de Aragão, a narrativa mítica da viagem de

Vasco da Gama, o mito de *Os Lusíadas* e o mito de Inês de Castro e de D. Pedro. “O apogeu da desconstrução do mito das descobertas e da narrativa imperial” foi o romance de António Lobo Antunes *As Naus* onde ele apresenta os heróis nacionais como “retornados miseráveis privados do seu halo glorioso” (Urbán, 2019: p. 361-364).

Nos novos romances de temática histórica já não se trata de apresentar grandes figuras heroicas e eventos gloriosos com intenções pedagógicas e moralizantes, trata-se de questionar, de desmitificar e de profanizar a história baseada na sequência desses eventos gloriosos e figuras heroicas (Urbán, 2019: p. 238). Dessa maneira, agora a ênfase esteja no quotidiano, nas microestruturas (como, por exemplo, os hábitos de vestuário, de interação social, e as assim chamadas mentalidades) da história (Urbán, 2019: p. 235). Alguns romances desconstruem a mitologia nacional através das “modalidades da ironia e da sátira” (Urbán, 2019: p. 364).

Os romances do período depois da Revolução dos Cravos, *O Mosteiro* (1980) de Agustina Bessa-Luís, *As Naus* (1988) de António Lobo Antunes, *Jornada de África* (1989) de Manuel Alegre, e *O Conquistador* (1990) de Almeida Faria, publicados nas primeiras décadas depois desse evento histórico fundamental que marcou a história da cultura portuguesa, são a prova disso. Estas obras sintetizam em si uma tendência do campo literário pós-25 de abril, isto é, “a questão da desconstrução e da dessacralização dos grandes mitos e narrativas nacionais” (Urbán, 2019: p. 25). Concretamente, nessas obras deparamo-nos com uma autêntica profanação do mito sebástico e da figura de D. Sebastião (Urbán, 2019: p. 30).

Esse desmoronamento da antiga narrativa identitária, como também a “nova situação geopolítica do país no continente europeu depois da adesão à União Europeia, provocou uma grave crise de identidade” (Urbán, 2019: p. 26).

Não obstante, há que destacar que “a abordagem mitocrítica não se limita só à literatura, também a encontramos nas artes plásticas, no teatro, na *performance* e no cinema”. Pode-se dizer que, de alguma maneira, atravessa toda a produção artística do período pós-revolucionário (Urbán, 2019: p. 28).

8. Manuel Alegre: A biografia

No ano 1936, no dia 12 de maio, em Águeda, nasceu Manuel Alegre de Melo Duarte sendo filho de Maria Manuela Alegre de Melo Duarte e de Francisco José de Faria e Melo Ferreira Duarte. Em Águeda fez a instrução primária e no Porto os estudos secundários. Como estudante de liceu, com José Augusto Seabra fundou o jornal *Prelúdio*. Do liceu Alexandre Herculano mudou-se para Coimbra onde estudou Direito na Universidade estando ao mesmo tempo muito ativo nas áreas da política, da cultura e do desporto.

Destacou-se nos movimentos estudantis, foi fundador do CITAC¹⁰ e membro do TEUC¹¹. Também foi o redator da revista *Vértice*, dirigiu o jornal *A Briososa* e colaborava na *Via Latina*¹².

Participou em rebeliões contra a ditadura de Salazar e quis fazer uma revolta militar, e por isso no ano 1963 foi preso pela PIDE¹³ em Luanda. Ali conheceu escritores angolanos como António Jacinto, António Cardoso e Luandino Vieira. Passou dez anos exilado em Argel, onde foi dirigente da Frente Patriótica de Libertação Nacional e locutor da rádio *Voz da Liberdade*. Depois disso regressou a Portugal em 2 de maio de 1974, alguns dias após a Revolução dos Cravos. Então entrou no Partido Socialista onde promovia as grandes mobilizações populares que permitiam a consolidação da democracia e a aprovação da Constituição de 1976. Desde 1995 foi o Vice-Presidente da Assembleia da República. Ocupou um lugar no Conselho de Estado, no Conselho das Ordens Nacionais e no Conselho Social da Universidade de Coimbra.

Recebeu muitos prémios e condecorações entre as quais se destacam a Medalha de Mérito do Conselho da Europa, a Comenda da Ordem de Isabel a Católica (Espanha) e a Grã Cruz da Ordem da Liberdade (Portugal). Além disso, foi o primeiro português a receber o diploma de membro honorário do Conselho da Europa. No 1998 recebeu o Grande Prémio de Poesia da Associação Portuguesa de Escritores, em 1999 Prémio Pessoa, em 2017 Prémio Camões e muitos mais¹⁴.

¹⁰ Centro de Iniciação Teatral da Academia de Coimbra

¹¹ Teatro de Estudantes da Universidade de Coimbra

¹² Jornal universitário de Coimbra

¹³ A Polícia Internacional e de Defesa do Estado

¹⁴ Manuel Alegre na Infopédia [em linha]. Porto: Porto Editora. [consult. 2021-08-25 13:23:45]. Disponível em [https://www.infopedia.pt/\\$manuel-alegre](https://www.infopedia.pt/$manuel-alegre)

Em 2005 foi eleito sócio correspondente da Classe de Letras da Academia das Ciências. Além disso, recebeu o Prémio Camões. Como o poeta desenvolveu-se dentro de Neorrealismo. Era um poeta, escritor de novelas e narrador.

8.1. Obra

A obra de Alegre desfruta de um reconhecimento universal e está disponível em diversas línguas: francês, romeno, italiano, espanhol, alemão, catalão e russo, o que se pode exemplificar com as obras como *Lusiade Exile* (1970), uma edição bilingue francês-português, *Portugal a Paris* (1995), edição em francês, *Corazón Polar y Otros Poemas* (2003), edição bilingue espanhol-português, *Che* (1997), edição em espanhol e *Gedichte Und Prosa*, edição bilingue alemão-português (1998). Publicava antologias, livros de poesia, romances e obras infantis e na continuação mencionaremos provavelmente só uma parte porque a sua obra é vastíssima.

O seu primeiro livro de poemas intitula-se *Praça da Canção* (1965) e dois anos depois publica o segundo *O Canto e as Armas*. Em 1981 publica-se *Atlântico*, o seu terceiro livro de poesia. Sumam-se também *Coisa Amar* (1976) e *Com que Pena* (1992), poemas para Camões¹⁵.

A primeira obra ficcional do autor é *Jornada de África* (1989), que, segundo Urbán, marca o início de uma mudança paradigmática na obra de Alegre, indica uma “viragem para o mundo da prosa” porque até a publicação desta obra escrevia poesia (Urbán, 2019: p. 373). Depois de *Jornada de África*, Alegre começou a publicar “paralelamente com a sua produção poética”, obras ficcionais: *Homem do País Azul* (1989 – publicado no mesmo ano como *Jornada de África*), *Alma* (1995), *A Terceira Rosa* (1998), *Uma Carga de Cavalaria* (1999), *Cão como Nós* (2002), *Rafael* (2003) e *Tudo é e Não é* (2013). Destacou-se nas coletâneas *Poemas Livres* (1963-1965) (DGLAB).

Na sua obra, Manuel Alegre também retratou os mitos patrióticos, dos quais “talvez a mais conhecida é a série de composições sobre D. Sebastião e Alcácer Quibir” (Ribeiro Ferreira; Barata Dias, 2004: p. 36). Publicou os poemas *Abaixo El--Rei Sebastião* e *Explicação de Alcácer-Quibir* em *O Canto e as Armas*, e esses poemas marcaram o surgimento duma tendência mitocrítica na cultura portuguesa (Urbán, 2019: p. 374). Nas palavras de Urbán: “O tema sebástico desempenhou um papel fulcral na poesia de Alegre nos anos 60”, mas aparecia

¹⁵ Manuel Alegre na Infopédia [em linha]. Porto: Porto Editora. [consult. 2021-08-27 14:30]. Disponível em [https://www.infopedia.pt/\\$manuel-alegre](https://www.infopedia.pt/$manuel-alegre)

constantemente na sua poesia e o percebemos nas obras *Atlântico* (1981), *Chegar Aqui* (1984), e *Aicha Conticha* (1984) (2019: p. 374).

Da literatura infantil publicou *O Príncipe do Rio e As Naus de Verde Pinho*¹⁶.

Também há várias antologias dos seus contos e poemas, como, por exemplo, *Cent Poèmes Sur L'Exil* (1993), edição em francês, *Antologia da Poesia Portuguesa Contemporânea* (1999), *La Nuova Poesia Portoghese* (1975), edição em italiano, *Antologia do Conto Português* (2002), *Anthologie de la Poésie Portugaise Contemporaine 1935-2000* (2003). Além das antologias, publicou os sonetos, e isso na coletânea intitulada *Cem Sonetos Portugueses* (2002)¹⁷.

Além das revistas já mencionadas, Manuel Alegre colaborava em muitos outros jornais e revistas culturais, de que destacaremos: *A Poesia Útil* (Coimbra, 1962), *Seara Nova*, *Cadernos de Literatura* (Coimbra, 1978-), *Jornal de Poetas e Trovadores* (Lisboa, 1980-) e *JL: Jornal de Letras, Artes e Ideias* (DGLAB).

Nos anos de exílio publicou *Um Barco para Ítaca* (1971) e *Letras* (1974). Era o poeta português mais musicado e cantado, não só em Portugal, mas também, por exemplo, na Inglaterra (Tony Haynes, BBC) e na Galiza (Grupo “Fuxan Os Ventos”). No Portugal muitos de seus poemas foram interpretados por cantores como Zeca Afonso e Adriano Correia de Oliveira (DGLAB).

Quase a totalidade da obra poética de Manuel Alegre, produzida entre 1965 e 1993, está reunida num livro de 1995 intitulado *30 Anos de Poesia*, com o prefácio de Eduardo Lourenço (Tarbuk, 1999: p. 200).

O seu trabalho como escritor foi muitas vezes premiado; por exemplo, em 1998 recebeu o Prémio de Literatura Infantil António Botto por *As Naus de Verde Pinho* e no mesmo ano também o Prémio da Crítica Literária e o Grande Prémio de Poesia da Associação Portuguesa de Escritores por *Senhora das Tempestades*¹⁸

8.2. Estilo literário

Escritor polivalente, artista que soube alcançar o poético indo além do particular, individual ou puramente histórico, Manuel Alegre oferece uma veia embebida de força mítica e épica.

¹⁶ Manuel Alegre na Infopédia [em linha]. Porto: Porto Editora. [consult. 2021-08-25 13:23:45]. Disponível em [https://www.infopedia.pt/\\$manuel-alegre](https://www.infopedia.pt/$manuel-alegre)

¹⁷ Manuel Alegre na Infopédia [em linha]. Porto: Porto Editora. [consult. 2021-08-25 13:23:45]. Disponível em [https://www.infopedia.pt/\\$manuel-alegre](https://www.infopedia.pt/$manuel-alegre)

¹⁸ Manuel Alegre na Infopédia [em linha]. Porto: Porto Editora. [consult. 2021-08-25 13:26]. Disponível em [https://www.infopedia.pt/\\$manuel-alegre](https://www.infopedia.pt/$manuel-alegre)

Como consta na verbete do Infopedia: “a expressão do *eu* quase nunca resulta de uma escrita da intimidade, mas equivale à voz de um poeta com novecentos anos, sentado aos quatro ventos do tempo, fundindo na sua voz as línguas e ritmos passados.”

Contudo, a sua biografia, ou o tempo em que viveu, não deixam de fazer parte da sua arte. Falando da poesia de Manuel Alegre, Lourenço comenta: “a prisão e a guerra marcaram uma escrita poética de denúncia que nasceu da revolta e que enfrentava a desumanidade, a crueldade, a morte; uma poesia que não escondia o sofrimento e a dor da existência humana e que nunca aceitava a resignação ou o pessimismo” (Lourenço, 2010).

“A poesia de Manuel Alegre destaca-se da ordem narrativa da épica pela intensidade e rapidez da sua manipulação do tempo, com deslocamentos bruscos, quase instantâneos, que às vezes chegam a tornar indistintos passado e presente” (Tarrío, 2003: p. 64).

As características da sua poesia são, segundo Lourenço, “sensibilidade ao mito e à história, as paráfrases, as refundições, as citações, os símbolos”¹⁹. Acrescentemos a musicalidade e “um forte pendor ético” (Lourenço, 2010). Também há que destacar que, segundo Macias Rodrigues, Manuel Alegre sempre pretendeu homenagear poeticamente Luís Vaz de Camões e fazer uma recuperação de valores literários do passado (Macias Rodrigues, 2008: p. 13-16).

8.3. Manuel Alegre: *Abaixo El-rei Dom Sebastião*

Abaixo el-rei Sebastião

É preciso enterrar el-rei Sebastião
é preciso dizer a toda a gente
que o Desejado já não pode vir.
É preciso quebrar na ideia e na canção
a guitarra fantástica e doente
que alguém trouxe de Alcácer Quibir.

Eu digo que está morto.

¹⁹ Manuel Alegre na Infopédia [em linha]. Porto: Porto Editora. [consult. 2021-08-25 14:32]. Disponível em [https://www.infopedia.pt/\\$manuel-alegre](https://www.infopedia.pt/$manuel-alegre)

Deixai em paz el-rei Sebastião
deixai-o no desastre e na loucura.
Sem precisarmos de sair o porto
temos aqui à mão
a terra da aventura.

Vós que trazeis por dentro
de cada gesto
uma cansada humilhação
deixai falar na vossa voz a voz do vento
cantai em tom de grito e de protesto
matai dentro de vós el-rei Sebastião.

Quem vai tocar a rebate
os sinos de Portugal?
Poeta: é tempo de um punhal
por dentro da canção.
Que é preciso bater em quem nos bate
é preciso enterrar el-rei Sebastião.

Manuel Alegre neste poema retrata o mito sebástico numa nova perspectiva – uma perspectiva antisebastianista. O poema abunda em metáforas, também encontramos aliterações, especialmente no verso da terceira estrofe: “deixai falar na vossa voz a voz do vento” e na primeira estrofe observamos uma anáfora, do que diremos algumas palavras mais adiante.

Nas palavras de Ørom, o primeiro passo no processo de destronamento das figuras heroicas foi dado na poesia, e precisamente o poema de Alegre passou a ser a primeira manifestação concreta dessa nova perspectiva antisebastianista numa nova geração, ou seja, é precisamente neste poema que se destrona o principal herói da literatura portuguesa, Dom Sebastião (Ørom, 2016: p. 83) e essa postura diferente,²⁰ perante a figura de D. Sebastião, percebemo-la já no próprio título do poema (Urbán, 2019: p. 349-350).

²⁰ Não obstante, essa perspectiva antisebastianista já surge no livro *Praça de Canção* de Alegre, mais precisamente, no poema intitulado *Crónica dos filhos de Viriato* (Urbán, 2019: p. 349).

O poema *Abaixo El-rei Dom Sebastião* foi publicado no 1967 em *O Canto e as Armas*. “O sujeito poético rejeita a tradição sebástica e exige uma mudança de atitude para com o mito” (Urbán, 2019: p. 350). Foi escrito no exílio e proveio “da experiência da guerra colonial, da repressão ditatorial e das inculcações ideológicas do sistema” (Urbán, 2019: p. 348) e o rei D. Sebastião aqui é apresentado como uma loucura geral que “persegue” os portugueses, por isso é preciso enterrá-lo para “livrar-se” dele; precisamente isso é o que a literatura pós-25 de abril faz com D. Sebastião (Urbán, 2019: p. 352).

Falando da sua estrutura, há que dizer que consiste em 4 sextilhas. Na primeira sextilha podemos notar a anáfora: “é preciso enterrar.../ é preciso dizer.../ é preciso quebrar.../ é preciso bater...” e nela vemos a urgência da mudança; a sociedade portuguesa dum vez deve deixar o passado atrás e começar a viver para o presente e para o futuro. Já no primeiro verso é visível que o autor incita aos portugueses esquecer D. Sebastião, borrá-lo da memória porque “o Desejado já não pode vir” e precisamente isso é o motivo principal desta estrofe. Há que “sacar” o D. Sebastião e a batalha de Alcácer Quibir da memória coletiva.

Na segunda sextilha o poeta exige à gente que deixem o D. Sebastião em paz, que ele está morto e que o deixem na sua loucura. Incita-os não estarem centrados no passado porque isso lhes impede olhar para o futuro e seguir adiante.

Na terceira estrofe o autor outra vez incita à gente que matem o rei, quer dizer, que o esqueçam. No verso “Deixai falar na vossa voz a voz do vento” percebemos um apelo à sociedade portuguesa, uma metáfora, que afirma que a vida deve continuar a “fluir” e encarar a realidade em vez de a sociedade seguir “vivendo num mito”. Também, no verso “cantai em tom de grito e de protesto” é visível um apelo à revolta.

No início da quarta estrofe temos uma pergunta retórica. Então, no terceiro verso Manuel Alegre refere-se ao poeta dizendo que ele é quem deve pôr “um punhal dentro da canção” e aqui fala da poesia como dum arma. No fim repete que há que enterrar o rei. Mas enterrar D. Sebastião e também a Alcácer-Quibir não significa “eliminar o mito da memória coletiva do país, senão uma nova atitude crítica para com ele e para com o potencial político e ideológico do mito”(Urbán, 2019: p. 352).

Por um lado, no poema se trata dum petição aos portugueses para deixar o Dom Sebastião morrer na sua consciência o que percebemos no verso “matai dentro de vós el-rei Sebastião”. Por outro lado, nos versos: “É preciso quebrar na ideia e na canção / A guitarra fantástica e doente / Que alguém trouxe de Alcácer Quibir”. Manuel Alegre “endereço-se explicitamente

aos seus leitores como aos poetas e escritores portugueses” (Ørom, 2016: p. 83). Não obstante, este poema também pode-se entender como uma crítica de Alegre à sociedade da sua época.

Como vemos, a intenção é encorajar a gente mudar e deixar D. Sebastião no passado, o que é especialmente visível nos versos: “É preciso enterrar el-rei Sebastião/é preciso dizer a toda a gente/ que o Desejado já não pode vir”.

9. Conclusão

No fim deste trabalho podemos concluir que o motivo de D. Sebastião esteve muito presente tanto na poesia como nas peças de teatro do século XX. Até os poetas significativos como Fernando Pessoa, Manuel Alegre, Luís Vaz de Camões, José Saramago e outros que citamos no capítulo 4 deste trabalho o empregavam nas suas obras. Sem dúvida, D. Sebastião teve muita importância para a nação portuguesa. Como vimos, o sebastianismo é um dos mitos mais complexos, mais importantes e mais significantes da tradição portuguesa, que durante séculos contribuía para a identidade nacional. Podemos constatar que o mito de D. Sebastião é tão profundamente enraizado na cultura portuguesa que talvez nunca desapareça.

Apesar de ser, na opinião de Bálint Urbán (2019: p. 294), “o principal responsável pela derrota de Marrocos”, a figura de D. Sebastião sempre se respeitou e “foi o alvo de uma mitificação forte”. A sociedade recusou aceitar o desaparecimento e a morte do monarca, e “assim fugia numa narrativa mítica”. Dessa maneira, o sebastianismo, nas palavras de Urbán, pode-se entender como uma forma de resistência ao *status quo* (Urbán, 2019: p. 587).

No foco do nosso trabalho estavam duas obras literárias que, para nós, representam dois exemplos específicos da figuração de D. Sebastião na literatura do século XX. A coletânea dos poemas *Mensagem* de Fernando Pessoa é muito importante e tem uma significação simbólica, porque, como vimos, representa figuras fundamentais da história portuguesa, mais precisamente, o rei desaparecido D. Sebastião e muitos outros reis, príncipes e personagens significativos da história portuguesa.

Além de sebastianismo, temos também o antisebastianismo, pois mencionámos o seu pioneiro Manuel Alegre com o poema *Abaixo El-rei Dom Sebastião*. Dedicámos, portanto, algumas páginas à literatura pós-25 de abril que, depois do colapso do Estado Novo, tentava

destronar às figuras heroicas, e não se limitava só à literatura; percebe-se nas artes plásticas, no cinema, em toda a produção artística do período pós-revolucionário. Também tentou-se reformular as narrativas míticas, mas na maioria das vezes, numa forma, essas resistem a tentativas desmitificadoras e conseguem sobreviver “nas profundezas do imaginário cultural” (Urbán, 2019).

10. Bibliografia:

Alcântara Teixeira, Eliane de. *D. Sebastião: um Rei e um Mito*. São Paulo: Varia| N. 94, 2016.

Alegre, Manuel. “Biografia de Manuel Alegre”. Disponível em: <http://www.manuelalegre.com/101000/1/000021/index.htm> Acesso no dia 16 de abril de 2021.

Barreiros, António José. *História da literatura portuguesa*, Braga, Bezerra, 1997.

Besselaar, José van Den. *O Sebastianismo - História Sumária*. Lisboa: Biblioteca Breve, 1987.

Brito, Clebson Luiz de; Proença Lara, Gláucia Muniz. *Uma abordagem semiótica da messianidade de Portugal em Mensagem, de Fernando Pessoa*, Belo Horizonte, MG, Brasil., Estudos Semióticos (v. 15, n. 1), 2019.

Cabral Martins, Fernando, *Fernando Pessoa*, 2021. Disponível em: <http://cvc.instituto-camoes.pt/seculo-xx/fernando-pessoa-70179-dp1.html> Acesso no dia 20 de março de 2021.

Casa Fernando Pessoa, Lisboa, 2021. Disponível em: <https://casafernandopessoa.pt/pt/fernando-pessoa> Acesso no dia 12 de abril de 2021.

Costa Pereira, Maria Clara; Melo, Carlos Augusto de. *Mito, ironia e identidade pós-moderna n'O Conquistador, do português Almeida Faria*, Cuiabá-MT/Brasil, Estudos Literários (v. 27 n. 45), 2020.

DGLAB, Direção-Geral do Livro, dos Arquivos e das Bibliotecas. Disponível em: <http://livro.dglab.gov.pt/sites/DGLB/Portugues/autores/Paginas/PesquisaAutores1.aspx?AutorId=9479> Acesso no dia 18 de abril de 2021.

Diário de Notícias, “Manuel Alegre lança em Abril livro infantil "O Príncipe do Rio"”. Disponível em: <https://www.dn.pt/artes/livros/manuel-alegre-lanca-em-abril-livro-infantil-o-principe-do-rio-1166977.html> Acesso no dia 2 de junho de 2021.

- Fernandes, Emilene Aparecida; Sution, Gian Lucan. *Mensagem e o fenômeno Sebastianista*, Lins – SP, Centro Universitário Católico Salesiano *Auxilium*, 2011.
- Filizola, Anamaria. *Uma polêmica, dois prefácios, um romance: Aquilino Ribeiro e D. Sebastião*, Curitiba, Revista Letras, n. 94, 2016.
- Fundação José Saramago. *A Viagem do Elefante (2008)*, Disponível em: <https://www.josesaramago.org/a-viagem-do-elefante-2008/> Acesso no dia 10 de maio de 2021.
- Galliciano, Wilson. *Figuração literária de D. Sebastião em O Conquistador de Almeida Faria*, Curitiba, Universidade Federal do Paraná, 2010.
- Infopédia, Dicionários Porto Editora. Disponível em: [https://www.infopedia.pt/\\$manuel-alegre](https://www.infopedia.pt/$manuel-alegre) Acesso no dia 16 de abril de 2021.
- Lima Alves, José Édil de; Silva Braga, Maria Alice da. *Literatura Portuguesa*. Canoas: Editorial EAD, 2016.
- Lourenço, Federico. *Manuel Alegre, Poeta do Indizível*. Fevereiro, 2010. Disponível em: <http://www.manuelalegre.com/331000/1/022010/index.htm> Acesso no dia 17 de abril de 2021.
- Macias Rodrigues, Dina. „O intertexto camoniano na poesia de Manuel Alegre“, Portugal, Instituto Politécnico de Bragança, 2008. Disponível em: <https://bibliotecadigital.ipb.pt/bitstream/10198/5184/3/PDF%20Manuel%20Alegre.pdf> Acesso no dia 17 de abril de 2021.
- Marques, Henrique Oliveira. *History of Portugal*, Lisboa: Casa da Moeda, 1991.
- Marques, A. H. de Oliveira. *Breve história de Portugal*. Lisboa: Presença, 1998.
- Moiséis, Carlos Felipe. *Roteiro de leitura: Mensagem de Fernando Pessoa*. Ática. 1996.
- Moraes Gebra, Fernando de. *Entre mito e história: O sebastianismo em Mensagem de Fernando Pessoa*, Curitiba, Revista Letras, n. 68: UFPR, 2006.
- Ørom, Signe. *The Dethronement of Historical and Mythical Figures in Portuguese Novels in the Eighties and Nineties*, University of Copenhagen/University of Porto, 2016. Disponível em: <https://silo.tips/download/the-dethronement-of-historical-and-mythical-figures-in-portuguese-novels-in-the> Acesso no dia 10 de maio de 2021.
- Pereira, Gilda. “Poesia – Manuel Alegre“, *Descendências Magazine*, 2021. Disponível em: <https://descendencias.pt/poesia-manuel-alegre/> Acesso no dia 17 de abril de 2021.
- Pinto Casquilho, José. *Sebastião de Portugal*, Portugal, Revista Triplov de Artes, Religiões e Ciências (n. 23-24), 2012.
- Prado Coelho, Jacinto do. *Dicionario das literaturas portuguesa galega e brasileira*, Porto: Figueirinhas, 1978.

- Ribeiro Ferreira, José; Barata Dias, Paula. *Fluir perene: a cultura clássica em escritores portugueses ...*, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2004.
- Ribeiro dos Santos, Tiago. *O retorno do exilado em O ano da morte de Ricardo Reis, de José Saramago*, Universidade Federal de Santa Catarina, 2009.
- RTP Notícias, *Manuel Alegre lança em Abril livro infantil „O Príncipe do Rio”*, 2009.
Disponível em: https://www.rtp.pt/noticias/cultura/manuel-alegre-lanca-em-abril-livro-infantil-o-principe-do-rio_n207597 Acesso no dia 17 de abril de 2021.
- Ruiz Brown, Sonia Mara. *As Quinas de Mensagem e a “Íncrita geração” em Os lusíadas*, São Paulo, Revista Desassossego, n. 5, 2011.
- Saraiva, António José. *Iniciação na literatura portuguesa*, Lisboa, Gradiva, 1994.
- Santos, Carlos Alberto; Mimoso, João Manuel. *Mensagem por Fernando Pessoa*
- Soares, Maria Almira. *Para uma leitura de “Mensagem” de Fernando Pessoa*, Lisboa: Editorial Presença, 2000.
- Talan, Nikica. *Fernando Pessoa: djelo*, Zagreb: Biblioteka književna smotra, 2013.
- Talan, Nikica. *Fernando Pessoa: život*, Zagreb: Biblioteka književna smotra, 2012.
- Talan, Nikica. *U sjeni Pessoe : antologija portugalskog pjesništva dvadesetog stoljeća : I. svezak*, Biblioteka književna smotra, Zagreb, 2005.
- Tarbuk, Tatjana. *Antologia da poesia portuguesa contemporânea*, Zagreb: CERES, 1999.
- Tarrio, Ana Maria. *Mito, história e identidade. Uma leitura de Manuel Alegre*, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2003.
- Teruelo Nuñez, María Sol. *Un tema portugués en la literatura española: el sebastianismo*, Universidad de Oviedo
- Tomasović, Mirko. *Izabrane pjesme*, Zagreb: Konzor, 1997.
- Urbán, Bálint. *Enterrar El-Rei Sebastião*, Brasil: Fortaleza – CE, 2019.